

Diversidade

Lições e diálogos com
os Jovens Aprendizizes da
Uberlândia Refrescos

Diversidade

Semeando Autores

ASSOCIADO



Semeando Autores é um selo da Canal 6 Editora dedicado à produção literária dos alunos de escolas de educação infantil, ensino fundamental e médio.

Conheça: www.semeandoautores.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

D648
1.ed.

Diversidade : lições e diálogos com os Jovens Aprendizes da Uberlândia Refrescos / organização Wanderléia das Graças Silva... [et al.]. – 1.ed. – Bauru, SP: Semeando Autores, 2022.

128 p. ; 16 x 23 cm.

Outras organizadoras : Lucilaine Camargo, Hozaneide Alves de Brito, Maryelen Marques Barcelos Manzini.

ISBN 978-85-94298-30-0

1. Ciências sociais. 2. Coletâneas - Textos. 3. Diversidade cultural. 4. Feminismo. 5. LGBTQIAP+ - Siglas. 6. Pessoas com deficiência. 7. Racismo. I. Silva, Wanderléia das Graças. II. Camargo, Lucilaine. III. Brito, Hozaneide Alves de. IV. Manzini, Maryelen Marques Barcelos.

09-2021/54

CDD 300

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB - 1/3129

Copyright© Semeando Autores, 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida total ou parcialmente, por nenhuma forma e nenhum meio, sem autorização prévia escrita da editora.



Diversidade

Lições e diálogos com
os Jovens Aprendizes da
Uberlândia Refrescos



Primeira mulher da América Latina a ter participações em uma empresa engarrafadora do Sistema Coca-Cola, Edilah Faria de Lacerda Biagi completou 100 anos em 11 de março de 2021, e segue sendo exemplo em valores, filantropia, trabalho social, liderança e empreendedorismo. Dona Edilah é mãe do CEO da Uberlândia Refrescos, Alexandre Lacerda Biagi, e teve um papel fundamental na estabilização da empresa em Uberlândia.

Juntamente com seu marido, Maurílio Biagi, ela fez parte de um período significativo para o desenvolvimento do Brasil, com sua atuação na indústria sucroalcooleira. Para educar e contribuir com a história brasileira, ela e a família fundaram, em 2005, o Museu da Cana, que hoje faz parte do Instituto Cultural Engenho Central, em Pontal (SP).

Dona Edilah também tem papel fundamental dentro da Casa da Memória Italiana, em Ribeirão Preto (SP), e é fundadora da Associação de Equoterapia Vassoural (AEV), localizada em Pontal (SP). Além destes, foi presidente da Liga das Senhoras Católicas e da Creche Modelo da Vila Virgínia, também na cidade de Ribeirão Preto, é provedora de material escolar para a rede pública de ensino da região da Alta Mogiana e uma das fundadoras do Leilão União de Forças.

Dona Edilah ainda está em atividade, prestando auxílio a diversas instituições nas regiões de Ribeirão, Sertãozinho, Cristais Paulista, Cravinhos, Patrocínio Paulista, Pedregulho e Pontal, como Cantinho do Céu, Casa das Mangueiras, Lar São Francisco de Assis e Apae. É um trabalho de anos, que mantém vivo seu legado secular.

Uma trajetória inspiradora, que muito ensina sobre família, responsabilidade social e desenvolvimento sustentável. Valores intrínsecos e presentes no dia a dia da Uberlândia Refrescos.

“O que levamos dessa vida? Só o bem que fazemos ao próximo.”

EDILAH FARIA DE
LACERDA BIAGI



“Eu acredito muito na capacidade dos homens. A tarefa mais importante de uma empresa é formar pessoas. O administrador que espera encontrar homens feitos fracassará. Eles não existem.”

MAURÍLIO BIAGI



Fundada em 1971 como um depósito da franquia Coca-Cola, a empresa transformou-se em fábrica em 1976 e é, até hoje, a única indústria Coca-Cola do interior de Minas Gerais. A família Biagi está no negócio desde 1942, e a partir de 1987, a Uberlândia Refrescos está sob o comando do visionário CEO/Chairman, Alexandre Lacerda Biagi, que é referência no cenário nacional e internacional por sua dedicação com práticas sustentáveis e desenvolvimento humano em seus negócios.

A Uberlândia Refrescos é pautada pelo desenvolvimento sustentável e a Unidade Alexandre Lacerda Biagi, localizada no Anel Viário Ayrton Senna, em Uberlândia (MG), é um empreendimento certificado *LEED Platinum* pelo USGBC, sendo o primeiro centro logístico do Sistema Coca-Cola no mundo a receber as certificações *Leadership in Energy*, *Zero Energy* e *Zero Carbono*, pelo *United States Green Building Council (USGBC)*. Isso significa que toda a obra foi feita com planejamento e tecnologia que visam o bem-estar dos colaboradores e a autossuficiência do uso dos recursos naturais.

Todas essas características fazem parte da visão 360° da Uberlândia Refrescos em Meio Ambiente, Pessoas e Governança, pilares do ESG (*Environment, Social, Governance*). São temas que guiam a empresa desde sua fundação e que marcaram o pioneirismo no cuidado socioambiental. Agora, as pautas do ESG abrem espaço para um novo momento, onde a consciência coletiva é a arma mais poderosa para transformar ideias em resultados para toda a comunidade.

Missão

Atuar no mercado de bebidas com excelência; satisfazer acionista, clientes, consumidores, fornecedores e colaboradores; preservar o desenvolvimento sustentável.

Visão

Ser uma empresa sustentável com manutenção de margens por meio de investimentos em infraestrutura e desenvolvimento de seus talentos.

Valores



Profissionalismo

Orientar nossas ações e decisões em benefício da sustentabilidade do negócio, atuar com responsabilidade e responder pelos nossos atos.



Segurança e integridade

Estimular o cuidado com as pessoas, zelando pela integridade da vida.



Transparência

Compartilhar regras claras, divulgar resultados e fornecer as informações importantes para o trabalho das pessoas, sendo verdadeiras em atos e declarações.



Respeito

Respeitar as normas e os procedimentos internos, reconhecer e aceitar nossas diferenças, tratando as pessoas com educação e cordialidade.



Compromisso

Honar todos os compromissos com nossos acionistas, clientes, colaboradores, fornecedores, comunidade e governo.



Paixão

Cultivar e estimular a paixão pelo trabalho e pela empresa. A paixão favorece a criação de um ambiente de motivação, engajamento e produtividade.

CEO UBERLÂNDIA REFRESCOS

ALEXANDRE LACERDA BIAGI

Nascido em 4 de novembro de 1958, na cidade de Ribeirão Preto, estado de São Paulo, Alexandre Lacerda Biagi é um empresário brasileiro com visão empreendedora. Bisneto e neto de imigrantes italianos da família Biagi, que iniciaram negócios no Brasil durante o século XIX, o arrojado tino para os negócios faz parte do DNA de Alexandre. Sua história se cruza com a da fundação da Uberlândia Refrescos, em 1971. Já em 1987, passa a ocupar a posição de *CEO/Chairman*, o que levou a empresa a se tornar modelo em gestão integrada. Outra área de atuação do empresário é o desenvolvimento socioambiental de pessoas. Em 2010, fundou o Instituto Alexa, realização de um sonho de infância, em que trabalha com crianças e adolescentes de 6 a 16 anos de idade. Visa-se, assim, integrar educação, música, cultura e cuidado com o meio ambiente para melhorar o grau de consciência dos jovens, além de promover a responsabilidade social.

Dono de ideias visionárias, é entusiasta e apreciador de artes plásticas, literatura, música e cultura em geral, assim como busca fomentar novos negócios na área de tecnologia e inovação digital. Está sempre atualizado quanto às movimentações e execuções de mercado e valoriza o fato de atuar junto aos seus clientes. Ativista ambiental, possui diversos projetos voltados a questões hídrica, energética e descarte de resíduos. É aberto a novos negócios, dentre seus empreendimentos estão a Uberlândia Refrescos – fabricante da Coca-Cola –, empresas no ramo agroindustrial, como a *holding* Alebisa Empreendimentos e Participações Eireli, e também empreendimentos no mercado imobiliário. É um grande admirador das ações da família Senna, e, por meio de suas atividades pessoais e com a gestão na Uberlândia Refrescos, Alexandre pretende contribuir com a diminuição do abismo social no país. Isso é realizado com projetos que motivam, capacitam e proporcionam mais oportunidades para as pessoas, com base no seguinte ensinamento de seu pai: “acreditar na capacidade dos homens”.

Para o ano de 2022, Alexandre deposita otimismo e esperança: “o lançamento deste livro é uma ação pioneira e de grande importância para nós. Além disso, é um ano de relevantes movimentações sociais, com os 100 anos da Semana de Arte Moderna de 22, 80 anos da Coca-Cola Brasil, 200 anos da independência do Brasil, eleições presidenciais e Copa do Mundo do Qatar. O ano de 2022 está cheio de possibilidades de sermos melhores e fazermos mais pela humanidade”.

“Ver um mundo melhor não é um sonho ideal, e, sim, uma realidade possível, construída diariamente, com muito trabalho.”

Alexandre L. Biagi

INSTITUTO ALEXA

Fundado pelo empreendedor do bem, Alexandre Lacerda Biagi, em 2010, criou e é mantenedor do Instituto Alexa, cujo termo significa “protetora da humanidade”, é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Os princípios básicos da organização referem-se ao desenvolvimento humano e estabelecem o compromisso de realizar projetos nas áreas de Cultura, Meio Ambiente e Educação, com o objetivo de contribuir para a formação de cidadãos conscientes. O Instituto desenvolve atividades com educadores, crianças e adolescentes, de 6 a 18 anos, e suas famílias, em parceria com associações e instituições de ensino. Acredita na educação como principal agente transformador, sempre levando em conta o fator “diversidade”.



Por meio de seus projetos, o Instituto atua em 8, dos 17 ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável) recomendados pela Organização das Nações Unidas (ONU): educação de qualidade, redução das desigualdades, cidades e comunidades sustentáveis, consumo e produção responsáveis, vida na água, vida terrestre, consumo e produção sustentável, além das ações contra a mudança global do clima.

Para conhecer melhor as iniciativas do Instituto Alexa, acesse as redes sociais: Instagram, Facebook e YouTube.

Missão

Integrar educação e cultura para desenvolver consciência crítica e mobilizar crianças e adolescentes socialmente vulneráveis a adotarem ações práticas e efetivas de consumo consciente dos recursos ambientais.

Visão

Ser um Instituto de referência em gestão da responsabilidade social no Brasil.

Valores

Fidelidade, lealdade, coerência, honestidade, discrição, família, pioneirismo.

Para nós, do Instituto Alexa, é de extrema importância a reflexão sobre o tema “diversidade”; afinal, somos todos diferentes. Compreender e aceitar essa diversidade é como derrubar fronteiras e dar mais um passo rumo à evolução.

Faz parte da cultura do Instituto Alexa enxergar e respeitar a diversidade de todos que integram a sociedade.

Equipe Alexa

Nayara Cristina Caetano, Roberta Jannini, Carla Adriane Freitas Cunha Martins, Priscila Breda Navarro e Isabelle Aparecida Damasceno.

ALEBISA EMPREENDIMENTOS E PARTICIPAÇÕES EIRELI



A Alebisa Empreendimentos e Participações Eireli, idealizada em 1987, teve suas atividades direcionadas a empreender ações focadas ao processo de agregar valor

aos clientes da indústria sucroalcooleira e de bebidas. O que tinha foco apenas no transporte rodoviário de cargas logo deu lugar a uma promissora empresa atuando em diversos ramos de negócios.

No setor de Agronegócios, a atuação é forte na seleção e melhoria genética do Gado Nelore e dos cavalos da raça Quarto de Milha. Na silvicultura trabalha-se com o Eucalipto e na agricultura com o milho, cana-de-açúcar e soja. No segmento Imobiliário, a atuação ocorre tanto no âmbito urbano, como no rural, desenvolvendo ações de compra, venda, incorporação e locação de imóveis. Nas Parcerias, destacam-se atuações com a Alsol, Raízen e Syngenta. Nas Participações Societárias destaca-se a Uberlândia Refrescos, franquia da Coca-Cola, atuante no Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Noroeste de Minas, ALB Participações e Santa Elisa Participações S.A.

Em todas as ações empreendidas, o foco na responsabilidade social e respeito ao meio ambiente sempre são colocados como balizadores das ações. Desta forma,

desenvolvemos uma cultura organizacional que prima pelos valores indispensáveis ao cidadão global.

Conservação de Nascentes e preservação de Florestas Nativas

Todas as nascentes das propriedades rurais são identificadas, cercadas e mantido o cuidado para serem preservadas. As florestas nativas são protegidas e cuidadas de forma que não sejam alcançadas por incêndios ou agressores.

Manejo Humanitário

Técnica de manejo que prima pela excelência na lida com os animais, garantindo o bem-estar e sustentabilidade.

Preservação de espécies do Cerrado

Plantio de Mudras de árvores nativas do Cerrado como o Ipê Amarelo, Branco, Rosa e outras espécies.

Instituto Alexa

Apoiador do Instituto Alexa.

Parque Estadual do Pau Furado

Apoiador do Parque estadual do Pau Furado, sediado no município de Uberlândia.

“A expressão ‘diversidade’ nos leva a uma reflexão muito precisa sobre o movimento de profundo respeito ao ser humano, numa visão simplista, e que nos direciona ao mútuo consentimento, equidade e foco na pessoa.”

Equipe Alebisa.

EQUIPE GESTORA

Alexandre Lacerda Biagi
CEO da Uberlândia Refrescos

Lucilaine Camargo
Supervisora de Desenvolvimento Organizacional

Sergio Gallo Ruivo
Superintendente

Hozaneide Alves de Brito
Analista de Responsabilidade Social e coordenadora do projeto

Wanderléia das Graças Silva
Gerente de Talentos Humanos

Maryelen Marques Barcelos Manzini
Assistente administrativo de Responsabilidade Social e colaboradora do projeto

EQUIPE DE COLABORADORES MENTORES DOS JOVENS

Ana Carolina Alves
Ana Maria Fernandes
André Francisco Araújo
Andrea Terezinha Brandão
Andreza Carneiro Paiva
Carine Silva Guimarães Pimenta
Carolina Gonçalves Gomes
Caroline Rabelo Silva
Celio Augusto de França
Cristina Martins de Alcântara
Daniel Rodrigues Santos
Débora Vitoria Santos
Degmar de Castro
Edmilson Lima Vieira
Edna Márcia Gonçalves
Edson Jesus Santos Tavares
Eduardo Valeri Alves Santiago
Fernanda Silva Pereira
Fernando Damas
Fernando Gomes dos Reis
Gislaine Cristina Araújo
Helvio Dezoti
Hildo Alves de Carvalho

Hozaneide Alves de Brito
Jaqueline Pereira Carvalho
Jessika Aparecida Mamede
Lázaro Junior da Silva
Lincoln Vasconcelos
Lucas Barcelos Souza Campos
Lucas Freire Lima
Marcio Junior Alves
Maria Rita Lopes
Marlei Gomes Caetano Carvalho
Maryelen Marques Barcelos Manzini
Rafael Pereira Machado
Reginaldo Marques de Melo
Rianne Brito Venâncio
Rodrigo de Sousa Costa
Sueli Almeida
Valkiria Soares Santana
Vanessa Kelly de Meira
Vanusa Aparecida Alves
Vinicius Dias dos Santos
Wesley Regys Martins
Yasmin Rodrigues Ramos

ILUSTRAÇÕES DA CAPA PELOS JOVENS APRENDIZES

Nayara Ferreira Silva

Raul Alves Mota

REVISÃO

Professor Rafael Abrahão de Sousa

Linguista e Revisora Textual: Lana Arantes

JOVENS APRENDIZES COLABORADORES DO PROJETO

Acielly Evany Ferreira Gomes

Adígina Emanuely Ribeiro Albuquerque

Alice Oliveira Machado

Amanda Eduarda Alves Cavalcante

Amanda Sousa Silva

Anna Julia Fileto Silva

Brenda Cristina Borges da Silva

Dayelle Rodrigues Peres

Dionisio Nery dos Santos Neto

Eliabe Martins de Melo

Fernanda Pires Rocha

Francisco Assis de Freitas B. da Silva

Gabriel Henrique Carrijo Martins

Gabrielly Borges Ferreira

Giovanna Rodrigues Borges

João Gilberto Luciano Prado

João Pedro Oliveira Silva

João Vitor Sousa de Oliveira Gomes

Julia Silva Ramos

Kailane de Souza Sampaio

Kamylla Lemes Rodrigues

Lara Cristina Souza da Silva

Lucas Aparecido Pedro França

Lucas Eduardo Aguiar Veras

Lucas Gonçalves Batista

Marco Antonio Magalhães Messias

Maria Eduarda de Brito Vaz

Maria Vitória Soares

Matheus Guilherme Peixoto de Souza

Michele Pinheiro da Silva

Natany Lima Tremendani

Nathália Silva Soares

Nayara Ferreira Silva

Nícolas Mendonça

Patrick Henrique A. Cardoso

Paulo Gabriel Machado Ferreira

Pedro Henrique Fonseca Santos

Raul Alves Mota

Ruan Pablo Maximiliano Gomes

Samuel Souza da Silva

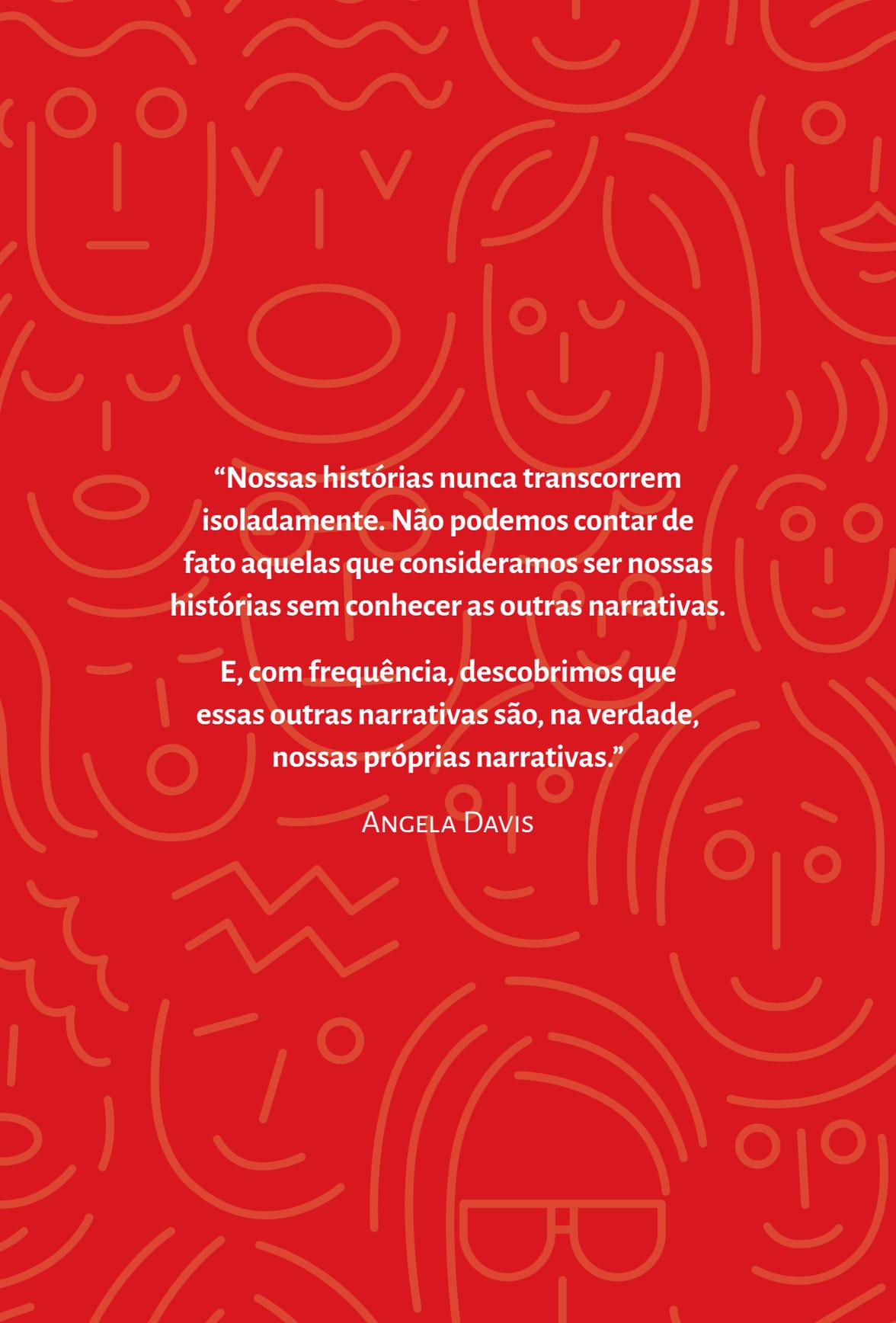
Suhaila Bessa Reis

Victória Cristina Vieira Santos

Victoria Sthephanny Fernandes de Paula

Vitória Gabrielli Mendes Souza

Wendell dos Santos Soares



“Nossas histórias nunca transcorrem isoladamente. Não podemos contar de fato aquelas que consideramos ser nossas histórias sem conhecer as outras narrativas.

E, com frequência, descobrimos que essas outras narrativas são, na verdade, nossas próprias narrativas.”

ANGELA DAVIS

AGRADECIMENTOS

Nós, da equipe de desenvolvimento deste projeto, primeiramente agradecemos a Deus pelo dom da vida.

Ao nosso CEO, Alexandre Lacerda Biagi, ao nosso superintendente, Sérgio Gallo Ruivo, por sempre nos apoiar.

Aos colaboradores da Uberlândia Refrescos, que atuaram como mentores dos jovens para a elaboração dos textos sobre diversidade.

Ao Comitê de Responsabilidade Social, pelo apoio na votação da ilustração da capa do livro.

Ao Instituto Alexa e Alebisa, pela expressiva participação e apoio nos projetos de Responsabilidade Social da Uberlândia Refrescos.

Às entidades gestoras dos jovens, Fundação Maçônica Manoel dos Santos, Serviço de Aprendizagem Social de Minas Gerais (SENAI/MG), Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia (ICASU) e Rede Cidadã, pelo apoio na realização do projeto.

A Nayara Ferreira Silva e Raul Alves Mota, pelo engajamento no concurso de ilustração da capa do livro.

Aos pais/responsáveis pela parceria, por acreditarem em nosso trabalho e escolherem a Uberlândia Refrescos para auxiliar na aprendizagem de seus filhos.

E a todos os jovens, pela participação ativa na discussão dos textos clássicos estudados durante o desenvolvimento do projeto.

SUMÁRIO

Acielly Evany Ferreira Gomes Os caminhos de Eva	33
Adígina Emanuely Ribeiro Albuquerque Aceitação da homossexualidade.	36
Alice Oliveira Machado Racismo no Brasil	39
Amanda Eduarda Alves Cavalcante Igualdade de oportunidades e respeito	41
Amanda Sousa Silva O racismo encoberto em nossa sociedade	42
Anna Júlia Fileto Silva A conduta humana diante do racismo	44
Brenda Cristina Borges da Silva Mulheres	46
Dayelle Rodrigues Peres Sororidade: como não julgar as outras mulheres	47
Dionísio Nery dos Santos Neto Negritude	49
Eliabe Martins de Melo Sobre o racismo.	51
Fernanda Pires Rocha Sombras do medo	53
Francisco de Assis Freitas Bernardes da Silva Viés sobre o racismo	55
Gabriel Henrique Carrijo Martins Diversidade e respeito	58

Gabrielly Borges Ferreira	
Diversidade religiosa	59
Giovanna Rodrigues Borges	
Ser mulher	61
João Gilberto Luciano Prado	
Consciência sobre a diversidade	63
João Pedro Oliveira Silva	
Questões raciais	65
João Vitor Sousa de Oliveira Gomes	
O mundo com um olhar diferente	67
Júlia Silva Ramos	
Paixão e preconceito	69
Kailane de Souza Sampaio	
Quantas mulheres mais....	72
Kamyla Lemes Rodrigues	
Mulher guerreira	74
Lara Cristina Souza da Silva	
Triste realidade	77
Lucas Aparecido Pedro França	
O racismo no Brasil.	79
Lucas Eduardo Aguiar Veras	
Ninguém nasce preconceituoso	81
Lucas Gonçalves Batista	
Igualdade para todos	83
Marco Antônio Magalhães Messias	
A intolerância religiosa no Brasil	85
Maria Eduarda de Brito Vaz	
O feminismo realmente é necessário?	88
Maria Vitória Soares	
Violência contra a mulher.	90
Matheus Guilherme Peixoto de Souza	
Por um mundo melhor	92

Michele Pinheiro da Silva Ser mulher negra é.....	94
Natany Lima Tremendani O ódio	96
Nathalia Silva Soares Mulheres: passado e presente	98
Nayara Ferreira Silva A diversidade religiosa	100
Nícolas Mendonça Racismo ainda existe!	103
Patrick Henrique Alves Cardoso Racismo e preconceito	104
Paulo Gabriel Machado Ferreira <i>Bullying</i> e suas consequências	107
Pedro Henrique Fonseca Santos Ser feliz é o que importa	108
Raul Alves Mota Ame na prática, na ação	111
Ruan Pablo Maximiliano Ramos Gomes Diferenças mais iguais	112
Samuel Souza da Silva Racismo: o câncer do mundo	114
Suhaila Bessa Reis Mulheres: dignidade e liberdade oprimidas	117
Victória Cristina Vieira Santos Tanto quanto especial	120
Victoria Sthephanny Fernandes de Paula Violência contra mulher: isso tem que acabar!	121
Vitória Gabrielli Mendes Souza Construir um mundo sem racismo	123
Wendell dos Santos Soares O silêncio do homem	125

PREFÁCIO

Esta publicação é resultado do projeto Geladoteca, que compõe o programa ViverFeliz.com, conduzido pelo setor de responsabilidade social da Uberlândia Refrescos, franqueada da Coca-Cola. Continuamos com a 2ª edição da “Leitura sem Fronteiras na Urla”, cujo tema é “diversidade”, com o objetivo de envolver os jovens aprendizes, de 14 a 24 anos, e colaboradores que trabalham na referida empresa.

O projeto apresenta narrativas contemporâneas, com base em debates por meio de encontros realizados por acesso remoto com os jovens aprendizes. Os mentores foram os colaboradores da empresa, denominados “padrinhos”, no desenvolvimento da escrita em relação aos pilares da diversidade, tais como: LGBTQIAP+, raça, PCD e Equidade de Gênero.

As narrativas trazem uma reflexão sobre como podemos ser mais inclusivos e menos preconceituosos, de acordo com a pluralidade cultural e étnica dos diversos grupos sociais. Pensamos nas desigualdades socioeconômicas e na criticidade às relações sociais discriminatórias e excludentes no âmbito da empresa e na sociedade em si.

O projeto teve início em março de 2021 e foi desenvolvido em etapas. Cada uma proporcionou aprendizado aos jovens e trouxe conceitos sobre a diversidade por meio de filmes, *podcasts*, documentários e diversas exemplificações sobre como podemos ser mais diversos sem comprometer o próximo.

A iniciativa de tornar público um livro sobre diversidade foi por meio do projeto “Semeando Autores”, iniciativa da Canal 6 Editora. O setor de responsabilidade social da Uberlândia Refrescos, ao entrar em contato com Carlos Fendel, sócio-diretor da Canal, proporcionou interagir com os jovens aprendizes que trabalham em várias áreas da nossa empresa para aprenderem, de forma geral, como é feita uma obra literária. Com o acesso remoto, Carlos possibilitou o engajamento dos participantes desse grande desafio, cujo encontro serviu, ainda, de

estímulo para eles, ao saberem da publicação de suas narrativas. Dessa forma, consideramos essencial a produção de um livro que expõe o ponto de vista sobre diversidade e inclusão.

O próximo passo foi envolver os colaboradores “padrinhos” para conscientizá-los da importância de uma atividade como essa na vida dos jovens. Contamos com o apoio na condução e motivação, com muita criticidade, no recebimento das narrativas escritas, parte imprescindível do projeto. Mas, também, respeitando a opinião e manifestação de cada um dos jovens.

A entrega das produções textuais para digitação e correção foi muito gratificante e enriquecedora, pois o jovem teve, mais uma vez, a oportunidade de rever sua escrita, verificar como ficou o texto e participar ativamente, seja ao escolher, opinar, reescrever ou avaliar junto aos “padrinhos”, até ficarem satisfeitos com a produção final. Em outro momento, os textos foram reavaliados pela equipe de responsabilidade social, idealizadora e responsável pelo projeto, e por um especialista em correções textuais, gramaticais e ortográficas para, enfim, chegarmos ao resultado desses esforços: a obra escrita.

Nesse contexto, a escolha da capa e o convite para os jovens participarem dessa fase com a entrega de ilustrações, baseadas no conceito proposto, foi outro passo categórico para averiguar como eles se expressariam por meio da linguagem não verbal. Foi envolvido o Comitê de Responsabilidade Social da Uberlândia Refrescos, que teve a oportunidade de avaliar as imagens de acordo com critérios específicos, como ilustração da capa, clareza na mensagem a ser transmitida, aderência ao tema “diversidade” e criatividade.

Outro passo importante foi o envolvimento das famílias, as quais foram conscientizadas pelos jovens que, por sua vez, precisaram buscar uma autorização para participarem do projeto. Os menores de 18 anos foram autorizados pelos responsáveis, enquanto os maiores de idade (18 a 24 anos) participaram livremente.

Ver a perspectiva, a alegria e o entusiasmo dos jovens e seus padrinhos responsáveis em relação ao dia do lançamento é muito valioso. Esperamos que esse projeto provoque impacto social a todos os envolvidos e leitores do livro e, de alguma forma, sirva de inspiração para

reflexões sobre o que é ser inclusivo e sem preconceitos na sociedade, com o intuito de formar cidadãos críticos e conscientes que podem contribuir com as futuras gerações.

Atualmente, deparamo-nos com várias explicações sobre a diversidade, assunto simples para alguns e complexo para outros. Para compreendê-la, é preciso perpassar muitos vieses inconscientes, tais como: inverter valores, citar o próprio ponto de vista como mais relevante em detrimento aos outros, realizar brincadeiras apelativas de constrangimento, proferir palavras racistas, ser preconceituoso com a religião do próximo, não aceitar a escolha de gênero do colega e/ou de alguém da família e machucar outra pessoa devido a algum ato, seja de maneira inconsciente ou consciente.

Diante disso, a escolha do tema e narrativas dos jovens sobre ‘diversidade’ é uma temática que necessita ser debatida com a intenção de transformar as pessoas no âmbito da organização, da escola, da família e de outros lugares.

Escrever esse livro é um ato de amor, de transmitir princípios por meio da escrita e de entender a particularidade de cada um para respeitar seus pontos de vista, sobretudo as narrativas estudadas.

Os Organizadores



POR QUE FALAR SOBRE DIVERSIDADE?



Desde sua fundação, há mais de 45 anos, a Uberlândia Refrescos acompanha as movimentações sociais e incentiva a evolução de jovens talentos, justamente por saber que são peças fundamentais na construção de uma sociedade com mais igualdade de oportunidades, tanto no ponto de partida, quanto no ponto de chegada.

A cada década, debruçamo-nos com atenção ao que podemos fazer enquanto uma organização em que a responsabilidade social é um pilar imprescindível. O aprendizado é constante, e a evolução deve ser buscada diariamente.

Queremos ser agentes de transformação, praticando a diversidade interna e externamente, gerando oportunidades para que profissionais de todos os *backgrounds* tenham na Uberlândia Refrescos uma casa e um laboratório de ideias para gerar mudanças que reflitam em toda a sociedade. A iniciativa do livro traz uma reflexão para mudanças que ambicionamos. Não são tijolos que constroem muros. São os preconceitos.

Alexandre L. Biagi
CEO/Chairman

Um dos principais desafios contemporâneos é aprender a conviver em um ambiente de diversidade, pois convivendo com a diversidade, aprendemos sobre nós e os outros.

Esse projeto permitiu aos nossos jovens aprendizes ter contato com esse tema tão relevante, e com isso refletir sobre o mundo em que vivemos, mas muito mais do que isso, como se comportar nos relacionamentos cotidianos.

É incrível o que se pode extrair de uma experiência como essa, onde aprendizes podem ensinar muito mais do que se possa imaginar.



Sergio Gallo Ruivo
Superintendente

Produzir um livro já é um processo bastante desafiador e, quando o assunto não é homogêneo e tem ocupado lugar de referência em diversas ocasiões, gera medo e um temor. Afinal, Diversidade como um todo tem ganhado destaque nas organizações, nas escolas e, principalmente, nas redes sociais.

Esta obra tem um valor especial por ter sido conduzida por uma equipe interna da empresa e apresentar os nossos aprendizes como protagonistas deste trabalho.

Quanto à experiência, foi muito enriquecedora! Encaramos o desafio de produzir, mas também de lidar com o medo e o temor. E, assim, esperamos inspirar e motivar pessoas, sempre com respeito à individualidade, para ter atitudes positivas relacionadas às diferenças.



Wanderléia Silva
Gerente de Talentos Humanos

Discutir a diversidade é o primeiro passo para a transformação das pessoas, ampliando nossa capacidade de realizar escolhas que facilitem o desenvolvimento das pessoas, empresa e sociedade. Fiquei muito feliz e orgulhosa com este projeto que nos auxilia, através dos nossos jovens, a aprender a sermos mais justos!



Eliana Messias

Gerente Administrativo Financeiro



Com um mercado cada vez mais globalizado, o tema “diversidade” vai além de qualquer conceito formal. Uma empresa bem estruturada culturalmente a esse respeito, facilita os trabalhos, traz grandes contribuições e implementa melhorias contínuas de maneira a demonstrar diversas soluções possíveis, pois envolve pessoas com ideias e pontos de vistas diferentes. E o que observa-se atualmente na Uberlândia Refrescos, é o envolvimento com o conceito ESG, *Environmental, Social and Governance*, cuja sigla traduz-se para português como ASG: Ambiental, Social e Governança. Estamos muito engajados, principalmente, com o pilar social, o qual cria uma cultura multidimensional, compreendendo a interação entre si mesmo e o mundo ao redor, rico em experiências, possibilitando novas visões e práticas sobre diversidade, direitos humanos e defesa do consumidor.

Tenho muito orgulho desse trabalho realizado pelos jovens aprendizes e acredito que criará possibilidades para o início da construção de um futuro íntegro, sem barreiras e com várias oportunidades para a nossa organização, parceiros, clientes e fornecedores.

Adão Silva Filho

Gerente da Asseguração da Qualidade e Meio Ambiente

Diversidade: este é um tema que requer de nossa parte muito cuidado, carinho, atenção e ação. Nós, da chamada geração X, crescemos convivendo com frases e comportamentos racistas, preconceituosos e discriminatórios. Por isso, é com muita satisfação que vejo a iniciativa da criação de um livro que trata o assunto na ótica dos jovens aprendizes da Uberlândia Refrescos. As mudanças estão

ocorrendo no mundo todo e as novas gerações serão as protagonistas na evolução para que todos nós possamos nos tornar pessoas que respeitam as diferenças, que atuam no combate à desigualdade e que promovam um ambiente onde todos possam conviver com suas diferenças, sempre em harmonia.



Wilton Donizete Pereira
Gerente de Logística

Falar de “Diversidade” faz parte da estratégia do negócio e é correlacionada como gerador de inovação, maior produtividade e satisfação de todos.

São histórias diversas e maravilhosas destes jovens, que demonstram pessoas de perfis diferentes em posições de entrada na Uberlândia Refrescos.

Aprendemos muito com eles, e além da pauta social, devemos encarar como um desafio do negócio. Buscamos sempre um ambiente de trabalho mais humano, inclusivo e com a participação de todos os representantes.

Luiz Fernando Traba Brandão
Gerente industrial



Promover ações como a construção de um livro com jovens sobre o tema “diversidade” é educar sobre os direitos humanos na essência, o RESPEITO pelas pessoas e seus plurais – é, pois, uma parcela de contribuição importante na transformação do “eu” e do “coletivo”.

As histórias são oportunidades de os jovens ressignificarem as próprias experiências no tema e, para aqueles que se permitirem, entrar na jornada de leitura com a sensibilização para a necessidade de mudanças nas relações. Aos poucos, vamos caminhando, redesenhando as relações humanas com um degrau de cada vez, para não voltar atrás.

Sinto-me realizada com minha equipe e agradecida aos jovens aprendizes que mais nos ensinaram do que aprenderam. O que dizer de uma empresa que patrocina experiências como essa? Gratidade, Uberlândia Refrescos!



Lucilaine Camargo

Supervisora de Desenvolvimento Humano

Em um contexto de crise de pandemia devido ao Novo Coronavírus (Sars-CoV/COVID- 19), a educação e o trabalho presencial foram afetados expressivamente. De fato, não tem sido fácil refletir sobre estas e demais circunstâncias sem perder o otimismo.

O esforço para a escrita do livro “Diversidade”, com a cooperação dos jovens aprendizes, se manteve convicto nos ideais da Uberlândia Refrescos, no sentido de nos compreendermos como indivíduos ativos na realidade em que vivemos. Questionamos: onde começa o preconceito sobre racismo? Por que ser intolerante à religião? Por que falar sobre equidade de gênero? Por que incluir o tema LGBTQIAP+ na empresa? Afinal, o que é diversidade? Como buscar aprendizado em um mundo tão diverso onde vivemos ultimamente?

Essas e outras perguntas, talvez mais do que quaisquer respostas, se refletem na produção das narrativas contemporâneas dos jovens aprendizes que, generosamente, compartilharam suas experiências e conhecimentos com muita criatividade. Muito obrigada, meus jovens!

Estou bastante feliz por passar essa experiência. Cada encontro enche-me de orgulho pelo engajamento de todos, pelas palavras escritas, pelas narrativas enviadas para serem analisadas. Posso dizer que foi de grande aprendizado e que serei eternamente grata – foram momentos únicos compartilhados entre todos!

Ser essencial e motivador é primordial para a criação de uma obra literária, e isso aconteceu com a equipe nesse projeto.

Por isso, agradeço à Wanderléia, minha gestora, por sua generosidade em confiar a condução desse projeto. Seu olhar para a diversidade me encanta e me motiva a cada dia para vencer os desafios com amor. Gratidão eterna!

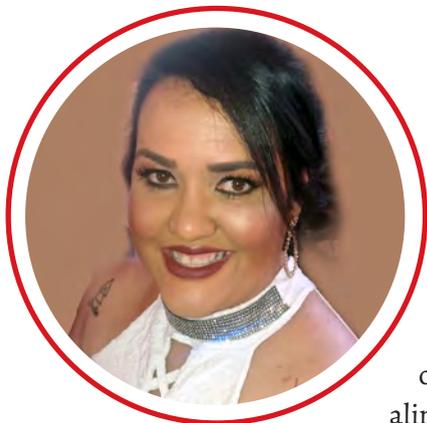
Agradeço à Lucilaine, minha líder, e à Maryelen – “Mary”, como carinhosamente a chamo – parceiras de todas as horas que, bravamente, aceitaram comigo essa missão e seguraram em minhas mãos em todas as etapas do projeto. Vocês foram essenciais na forma motivadora e engajadora para a materialização desta obra que, certamente, será um marco para a Uberlândia Refrescos.

Por fim, agradeço a oportunidade de realizar um projeto tão relevante para a construção da história da organização.



Hozaneide Alves de Brito

*Responsabilidade Social
Coordenadora do projeto*



Falar sobre o livro “Diversidade” emocionou-me muito, pois, desde o início, ao ser apresentada ao projeto, senti-me lisonjeada em fazer parte da construção da consciência reflexiva e representativa de jovens aprendizes da nossa empresa.

Foi incrível poder ver o crescimento e o engajamento de todos a cada reunião de alinhamento, contribuir com a escrita das autobiografias e dos textos, ver uma geração ser impactada com a oportunidade de escrever sua história para o mundo, de se reconhecer como parte da sociedade e ser levada a refletir sobre as próprias ações e as dos outros, frente ao tema “diversidade”.

Agradeço imensamente à Uberlândia Refrescos e à Hozaneide, por me permitirem fazer parte dessa relevante construção de pensamentos coletivos em um momento no qual precisamos falar, divulgar e viver mais a diversidade e a inclusão em nossa sociedade. Que não seja apenas mais uma obra, e, sim, um livro que despertará a consciência coletiva para um assunto importante e para o nosso papel diante disso. Tenho orgulho de trabalhar em uma empresa que traz esses princípios e valores e que faz questão de que todos os seus colaboradores sintam-se bem em ser como são.

Aos jovens, desejo que esse projeto tenha sido construtivo e reflexivo. Que não sejam apenas textos elaborados por eles, mas que os levem a ter consciência de que esses escritos mudarão e sensibilizarão até os leitores desconhecidos por eles.

Por fim, desejo, enquanto parte da equipe de responsabilidade social, que continuemos com a missão de tocar as pessoas por meio do conhecimento, pois ele abre as portas para sermos pessoas com mais criticidade e empoderamento.

Maryelen M. B. Manzini
*Responsabilidade Social,
Colaboradora do projeto*

Falar em diversidade, e praticar a diversidade, não é mais um “sair na frente”, e, sim, uma obrigação. Enquanto empresa, somos detentores de uma enorme força propulsora de mudanças, e, em um material como o livro “Diversidade”, vemos a diferença entre dar voz e apropriar-se de um discurso.

A transformação acontece porque a Uberlândia Refrescos reconhece a necessidade de ceder espaço, de criar oportunidades, e aprender com quem tem muito a ensinar. Somos todos plurais, com nossas facetas, personalidades, características, e tudo isso forma um emaranhado poderoso de “humanidades”, e não há nada mais legal do que ser humano.



Ana Augusta de Paula Ribeiro

Assessora de Comunicação /Trade Marketing

Fazemos um convite para que assistam ao curta de animação “*Day and Night*”, dos estúdios Pixar e dirigido por Teddy Newton. Uma média de 4 minutos que conseguem traduzir a diversidade de uma maneira simples. No curta, temos dois personagens, Dia e Noite. A princípio, o sentimento é de estranheza e rivalidade por conta de suas diferenças. Porém, ao longo do filme, os personagens são cativados pelas particularidades que não possuem: a Noite se impressiona com o arco-íris e o Dia se encanta com as estrelas. E, ao fim, temos que nós possuímos a mesma essência, mesmo que diferentes. E que bom que as diferenças existem, elas nos tornam únicos. E esse é o maior privilégio que poderíamos ter.

E o passar desses Dias e Noites, tão complementares entre si, conferiu à Urla maturidade para o entendimento da importância do tratamento do tema diversidade na empresa. Muito mais do que discutir a

pauta diversidade, a Uberlândia Refrescos compreendeu que é preciso agir. Por onde começar? Pelo começo.

Na empresa, um dos nossos valores é o Respeito, já fortemente praticado na Urla. Ancorado também nele, foi criado o Comitê de Responsabilidade Social, cujos membros estão recebendo diversos treinamentos para aprimorarem a compreensão e execução de práticas que voltem o olhar para o diverso. Entendemos que é preciso ter atitudes e que essas sejam sábias e efetivas em sua missão de eliminar paradigmas excludentes e os substituí-los por práticas inclusivas.

E esse futuro de respeito autêntico ao diverso terá como fortes protagonistas os jovens de hoje! Por isso, a Urla propôs aos jovens aprendizes da empresa pensarem e expressarem ao público reflexões pertinentes sobre o tema diversidade. E essas ideias, que estão sendo apresentadas neste livro, mostram, do ponto de vista dos jovens, pensamentos para algumas questões que rondam a temática da diversidade.

A construção desse livro foi uma experiência muito forte e de grandes aprendizados. Cada olhar respeitoso e diferente sobre o diverso teceu a construção de parte de uma grande colcha de retalhos, que é a riqueza da essência do ser humano. Esperamos que esse livro seja fonte de inspiração e de mudanças positivas. Boa Leitura!



Giovana Silveira Santos
Lucas Barcelos Souza Campos
Setor de comunicação interna



Meu nome é **Acielly Evany Ferreira Gomes**, nasci no dia 25 de maio de 2004, e sou natural de Uberlândia, Minas Gerais.

Minha mãe se chama Liliene Gomes Gonçalves, e meu pai, Paulo André Ferreira.

Quando tinha quatro anos, eu e minha família nos mudamos para uma fazenda, localizada na divisa dos municípios de Prata e de Monte Alegre de Minas.

Iniciei meus estudos em Uberlândia, mas precisei interrompê-los por conta da mudança e passei a frequentar uma escola municipal da zona rural, localizada no terminal rodoviário Trevão. Naquela instituição, meus professores observaram que eu era mais avançada nas matérias em relação aos meus colegas do primário; então, passaram-me para o 1º ano do ensino fundamental e fiz até a metade do 9º ano na mesma escola.

Em 2018, eu e minha família nos mudamos novamente para Uberlândia, onde terminei o 9º ano do ensino fundamental na Escola Estadual Maria da Conceição Barbosa de Souza, no bairro Saraiva. Atualmente, curso o 3º ano do ensino médio na Escola Estadual Frei Egídio Parisi.

Desde pequena, sempre me dediquei bastante aos estudos. Pretendo fazer a graduação em Enfermagem ou em algo relacionado à saúde, porque vejo as pessoas com um olhar de cuidado e carinho. Desde pequena, sempre fui comunicativa e gostava de fazer novas amizades. Atualmente, trabalho como jovem aprendiz no setor fiscal da Uberlândia Refrescos Ltda. e faço curso técnico em Enfermagem. Sou a primogênita da minha família e tenho um irmão de seis anos, Marcos Paulo Ferreira Gomes. Minha mãe o teve quando eu ainda tinha 11 anos; assim, desde pequena, tive a responsabilidade de cuidar dele, pois ela trabalhava fora.

A cada dia, busco vencer limitações e conquistar os meus sonhos. Sou cristã e posso dizer que, durante toda a minha vida, Deus fez traços retos e sempre esteve comigo. Por me alinhar à vontade de Ele, alegro-me ao olhar para trás e ver em quem me transformei e o que irei me tornar no futuro.



Os caminhos de Eva

Madrinha: Gislaine Cristina Araújo

Escrevo este texto com base na luta enfrentada pelas mulheres negras diariamente, com necessidades e dificuldades ocasionadas por serem quem são. A desigualdade ainda influencia a sociedade em alguns pontos, mas a voz da diversidade tem ganhado força dia após dia, o que revela nossa igualdade de fato.

No dia 2 de agosto de 1948, no Distrito de Barreiro Grande, próximo a Bom Jesus da Lapa, no interior da Bahia, nasceu Eva Rodrigues Gomes da Cruz, gêmea de Adão Rodrigues Gomes e filha de Plácida Neves e Francisco Neves. Desde pequena, Eva sempre foi trabalhadora, pois vendia tapioca (chamado de “beiju” naquela região) à beira do Rio São Francisco, quando o trem chegava com turistas e viajantes – ela fazia isso com agilidade e destreza no ramo das vendas.

Aos 18 anos, mudou-se sozinha para trabalhar como empregada doméstica na casa de Aparecida, em Pirapora, Minas Gerais, deixando para trás sua mãe, irmãos e familiares. Nos anos 1960, conheceu um jovem chamado Antônio, em um comício de políticos no referido município mineiro, e lá eles se apaixonaram e começaram a namorar.

Passados alguns meses, Antônio e Eva decidiram morar juntos e se casar. Ela perdeu um bebê na primeira gestação e, na segunda, deu à luz ao filho mais velho, José Leôncio. Depois disso, teve Alessandro, Liliene, Antônio Aparecido, Eder e Reinaldo – entre as gestações, houve mais dois abortos, por conta de complicações nas gravidezes. Após certo tempo viajando por algumas cidades, resolveram ir para Uberlândia, por conta da falta de emprego em Pirapora.

Nessa jornada, ela sofreu bastante pelo fato de ser uma mulher pobre e negra, principalmente pela frustração do casamento que não foi como imaginava ser. Ela se viu desamparada, sem família e amigos, o que, conseqüentemente, levou-a à depressão e à ansiedade.

Tal relacionamento trazia cicatrizes que causaram impactos negativos e sofrimento tanto para ela, quanto para os filhos, e assim chegaram ao bairro Tibery, em Uberlândia. Com o passar do tempo, descobriu que o penúltimo filho sofria de epilepsia, o que causou mais complicações e dificuldades. Também se mudaram para uma favela no bairro Dom Almir e, depois disso, para o São Jorge, onde conseguiram um lote e, por intermédio de uma Organização não Governamental (ONG), começaram a construir sua casa. Porém, a necessidade falou mais alto e precisaram morar na casa, mesmo com a obra inacabada.

Eva sempre foi uma mulher fiel, pois, onde seu esposo estava, ela ia atrás. Por conta das circunstâncias, ela precisou deixar sua residência e ir para algum assentamento dos sem-terra. Depois de cinco anos, precisou voltar para onde morava, em razão de questões de saúde, e assim desenvolveu ainda mais as habilidades de vendedora, ao procurar meios para sustentar sua casa, visto que, durante o casamento, frequentemente desempenhava esse papel.

Por ser uma mulher de fé, construiu sua família com base na confiança em Deus. Católica, devota de Nossa Senhora de Aparecida, não tinha nenhum tipo de intolerância contra as demais religiões, pois sempre pregou o amor de Deus. Construiu uma família linda e grande, com seis filhos, 18 netos e três bisnetos; como consequência disso, a casa era cheia de alegria, em que havia festas para comemorar os vários aniversários que a alegravam bastante.

Ao final de 2020, por ser diabética e hipertensa, Eva foi diagnosticada com um tumor no pâncreas e, no dia 24 de dezembro, foi internada às pressas no hospital – desde então, teve uma jornada difícil para uma mulher de 72 anos, ao sofrer com muitas dores. No dia 22 de abril, às 21h05, veio a óbito no Hospital Municipal de Uberlândia, da forma mais humana possível: dormindo.

Eva era minha vó. Escrevo este texto em lágrimas, não de tristeza, e, sim, de orgulho pela mulher extraordinária que era. Ela nos mostrou

o significado do amor, do caráter e da força. Essa mulher de Deus foi honrada, e assim olhamos para ela!

Te amo, vó! A senhora sempre estará em nós, pois um legado como o seu, nunca será apagado. Sua história não cabe em uma página ou em um livro, visto que a sua jornada não se limitou com a morte e continua em nossas gerações.

Uma das coisas mais lindas nela era o sorriso. Por isso, digo: “PARA SEMPRE O SEU SORRISO!”.

Relato a história de Eva Rodrigues Gomes da Cruz como um exemplo de força neste mundo, e eu me alegro em ter tido a honra de aprender os valores que sigo por intermédio dela. Nem todas as histórias terminaram assim, mas a caminhada revela o propósito que cada um tinha (e tem) neste mundo: a IGUALDADE.



Sou **Adígina Emanuely Ribeiro Albuquerque**. Natural de Palmeira dos Índios, Alagoas, atualmente moro em Uberaba, Minas Gerais. Tenho 18 anos, 1,50 m de altura, faço aniversário no dia 29 de outubro e trabalho na Uberlândia Refrescos por intermédio da Rede Cidadã.

Atualmente, curso o 3º ano do ensino médio. Minhas cores prediletas são: preto, roxo e vermelho. Sou o tipo de pessoa que gosta de ficar em casa lendo, ouvindo música, vendo filmes e séries, ou escrevendo.

Para me distrair, gosto de sair com os amigos ou para lanchar. Gosto quando fico com a minha família em um fim de semana depois de um almoço e vamos ver filmes a tarde inteira, nadar, comprar algumas coisinhas ou apenas passear. Meu maior sonho é me formar em Medicina Veterinária. Também gosto de dançar, atuar e amo tocar violão.

Aceitação da homossexualidade

Madrinha: Maria Rita Lopes

Como muitos sabem, a diversidade tem sido um tabu nos dias atuais, principalmente a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexo, Assexual e outros (LGBTQIAP+). Porém, eles não são os únicos a serem atacados pelo preconceito, pois temos também, como exemplo, o racismo, a xenofobia, a intolerância religiosa, a gordofobia, o machismo, a LGBTfobia etc. – a cada ano, esse

número só aumenta. De acordo com pesquisas, em 2020, houve diversos casos de mortes violentas no Brasil, em se tratando da referida comunidade.

Diante disso, descrevo abaixo o relato de um amigo que, atualmente, tem 20 anos de idade. Ele cita aspectos de sua sexualidade e o que passou desde que descobriu a verdadeira identidade, em que mostra o que pensava e o que sentia nessa longa caminhada. Felizmente, esse é um relato de superação:

“Desde muito cedo, era aquele menino mais ‘animado’. Aos quatro anos, já olhava para garotos de maneira diferente, além de amizade, mas isso dizia muito sobre minha sexualidade.

Minha família sempre foi mais ‘mente aberta’ do que as outras (que conheço, claro!); então, cresci bem livre e com o apoio dos meus pais. Ainda no primário, apaixonei-me por um menino da minha sala e percebi que não podia falar sobre isso com as pessoas – foi uma atitude quase automática. Com 12 anos, chegando na adolescência e com turbilhões de pensamentos, foi difícil negar algo que sempre esteve dentro de mim e que me assustava bastante.

Já com 16 anos de idade, soube de um filme chamado ‘Com amor, Simon’, em que o protagonista é gay e tem problemas para se assumir. Tal obra chegou em um momento no qual eu estava confuso, ficava triste por não ter sabedoria o suficiente sobre o que sentia. Então, chamei dois amigos para assistir: durante o filme, eu estava em prantos, sem poder mostrar que me identificava com o personagem principal. Quando o filme acabou, quase liguei para minha mãe para dizer o que estava sentindo, mas achei que ainda não era a hora e resolvi esperar.

Um mês após meu aniversário de 17 anos, conheci meu ex-namorado. Depois de darmos o primeiro beijo, isso serviu como gatilho para ter a famosa conversa com a minha família. No dia seguinte, sentei com minha mãe a uma mesa e ela me perguntou diretamente: ‘Filho, você é gay?’. Engasgado, respondi que sim e perguntei se mudava algo. Como minha grande parceira, óbvio que ela me apoiou e me amou, acima de tudo!

Depois daquele dia, minhas algemas caíram e fui gradativamente aprendendo mais sobre a comunidade LGBTQIAP+, conhecendo-me ainda mais e explorando as várias versões de mim mesmo. No aniversário de 18 anos, vendo, ali, minha família e amigos reunidos, senti o apoio para ser quem eu sempre fui. Assim ‘caiu a minha ficha’ do quão bobo eu fui em esperar tanto para desabafar, mas também acredito que cada um tem o tempo apropriado.

Hoje, com 20 anos, posso dizer que sofri por ser negro e homossexual em algumas ocasiões que, com certeza, foram difíceis, mas consegui superar com força e garra. Enfim, sou muito grato pelo apoio da minha mãe; afinal, ela é meu grande pilar, sempre me defendeu e aprendeu comigo, errando também como eu, mas, dia após dia, aprendendo cada vez mais sobre empatia e convivência”.

Com essa descrição, podemos ter uma ideia de como é a jornada de alguém da comunidade LGBTQIAP+ e observar que precisamos ter empatia pelas pessoas, independentemente da sua sexualidade, religião ou cor. Mesmo com altos e baixos, ele conseguiu se assumir para a família e os amigos e ser quem ele escondia antes. O apoio da mãe dele foi o essencial para essa caminhada, e acredito que deva ser assim com todos que passam por isso. Esse tipo de apoio deveria partir, primeiramente, da família, porque assim elas terão mais forças para enfrentar o mundo lá fora que, infelizmente, ainda é preconceituoso e muitos têm a cabeça “fechada”. Então, vamos ter mais empatia com as pessoas, pois todos merecem respeito, acima de tudo!



Olá, meu nome é **Alice Oliveira Machado** e tenho 18 anos. Nasci em Uberlândia, Minas Gerais, em 10 de dezembro de 2002.

Moro com meus pais, Aline e Anderson, e duas irmãs, Ana Vitória e Ariadny.

Já concluí o ensino médio e agora pretendo começar a fazer o curso de Medicina, na área da Pediatria – esse é o meu maior sonho. Gosto de ler, assistir a filmes e séries. Não sou muito de escrever, só quando é necessário.

Esse projeto está sendo uma experiência nova para mim, pois nunca imaginei que faria parte de um livro. Espero que gostem!



Racismo no Brasil

Madrinha: Andrea Terezinha Brandão

Hoje em dia, o racismo é muito frequente e está presente na sociedade. Nunca presenciei uma ação assim, mas vejo com frequência nas redes sociais, em reportagens e por intermédio de pessoas que relatam que isso também aconteceu com elas.

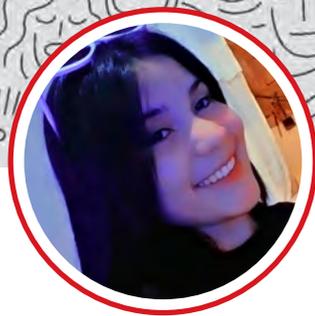
Por exemplo, em 2017, houve um caso com uma pessoa pública de Uberlândia/MG. Ela relatou, na própria rede social, que, por ser negra, teve olhares críticos durante uma festa de formatura de seus amigos, por usar um turbante dourado. Ao final do evento, quando foi para a parte externa daquele local, ela se distanciou dos amigos e lá havia

três homens brancos – um deles, inclusive, retirou o turbante à força e os outros dois jogaram cerveja nela. Depois do ocorrido, a referida mulher disse que procurou os seguranças da festa, identificou os sujeitos e os expulsou do evento – eles teriam alegado que “apenas tiraram o turbante dela”.

Logo em seguida, as namoradas dos três homens teriam procurado a segurança e pedido que a mulher também fosse expulsa, mas não foram atendidas. Mesmo ela se julgando agredida, optou por ficar até o final do evento “para mostrar que esse também era o nosso lugar”. Gostei bastante da atitude dela, pois não se calou e mostrou que é igual às outras pessoas e merece respeito.

Acredito que ninguém nasce racista, e, sim, que a população ensina as pessoas a agirem dessa forma. As escolas fazem sua parte ao criar disciplinas que mostram a importância de cada cultura para o país e, ao educar as crianças, elas têm a possibilidade de não cometer os mesmos erros dos pais velhos.

Sendo assim, é preciso ensinar a esse público que todos somos iguais e que a cor de pele não significa nada – o que importa verdadeiramente é o caráter da pessoa. Não sou negra, mas acredito que todos os seres humanos merecem respeito!



Meu nome é **Amanda Eduarda Alves Cavalcante**, tenho 16 anos e sou natural de Uberlândia, Minas Gerais. Nasci no dia 13 de dezembro e sou do signo de sagitário.

Estou no 2º ano do ensino médio, trabalho como menor aprendiz e faço curso de Necropsia.

Meus *hobbies* preferidos são: ler livros, maquiar-me e fazer caminhada. Minha comida favorita é sushi, e um prato que não gosto é frango ao molho.

Igualdade de oportunidades e respeito

Padrinho: Rodrigo de Sousa Costa

Mulher: uma palavra de seis letras que parece ser tão simples, mas possui um significado grandioso.

Nossa primeira casa foi o ventre de uma mulher, de onde nasceu toda a humanidade. Todas as mulheres, sem exceção, devem ser respeitadas e se sentir amadas.

Chega de agressões, abusos e estatísticas crescentes de feminicídio!

Queremos ser livres, ter paz ao andar nas ruas, dignidade em nossas escolhas, igualdade de oportunidades e RESPEITO!

Mulheres, de todas as etnias e opções sexuais, merecem o direito de viver e serem donas de si.



Me chamo **Amanda Sousa Silva** e tenho 16 anos. Gosto de ler livros de qualquer tipo, contudo, prefiro os de terror, suspense e ficção científica.

Também adoro ver séries e filmes. Amo quase todos os tipos de doces, além dos salgados com frango, principalmente empada. Gosto bastante de estudar, aprender coisas novas e trocar boas e novas ideias/experiências.

O racismo encoberto em nossa sociedade

Padrinho: Fernando Gomes dos Reis

O racismo é uma das discussões mais citadas atualmente pela sociedade. Apesar de várias pessoas falarem sobre este assunto, muitas manifestações contrárias e ações para o combate dessa covardia, com atitudes e falas racistas, acontecem diante dos nossos olhos. Muitos deixam “pequenos” atos como esses ocorrerem como se não fossem “nada demais”, o que é um absurdo, por ser uma vida naquela situação.

Com isso, podemos ver o quão encoberto está o racismo. Pessoas dizem que já não existe mais e que tudo é “mimimi”, mas há dados, reportagens e documentários disponíveis em várias plataformas

digitais que demonstram o que essas pessoas passam e o quanto têm crescido os índices de violência.

Pessoas que não sofrem consequências do racismo, muitas vezes, pregam e acreditam que essa prática não ocorre mais hoje em dia e que também não precisa ser discutida. No entanto, quem sente na pele a agressão, até mesmo a verbal, sabe o quão prejudicial e triste é sofrer qualquer tipo de preconceito. Podemos citar que os jovens e negros, por exemplo, são as maiores vítimas da violência.

A população negra corresponde à maioria dos indivíduos com chances de serem vítimas de homicídio. De acordo com informações do Atlas da Violência, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2017, 78,9% são atingidos diretamente por esse e outros casos; e a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negros, o que representa 23,5% de chances a mais de serem assassinados em relação a brasileiros de outras raças.

O referido estudo ainda indica que os jovens negros do sexo masculino, em sua maioria, continuam sendo assassinados como se estivessem em uma guerra. Ainda existem pessoas que discordam dos fatos e da luta vivenciada por esse público, desde que nasceu, para conseguir a liberdade não apenas assinada em um papel, mas, sim, demonstrada em ações de respeito por todos os indivíduos.

Nesse sentido, deveria haver um olhar mais inclusivo relacionado às políticas públicas em prol desse público carente de apoio e acolhimento. Até quando iremos tolerar esse tipo de situação? Precisamos procurar meios para acabar com o racismo e essas pessoas conseguirem o respeito que merecem.



Me chamo **Anna Júlia Fileto Silva**, tenho 18 anos e nasci no dia 9 de setembro de 2002, em Uberlândia, Minas Gerais.

Terminei o ensino médio em 2020 e consegui passar no vestibular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para a graduação em Direito, mas desisti de cursá-lo.

Atualmente, faço cursinho para tentar Engenharia Biomédica, na UFU. Consegui meu primeiro emprego na empresa Uberlândia Refrescos, onde sou jovem aprendiz.

Estou muito empolgada por ter a oportunidade de participar do projeto Geladoteca. Agradeço à equipe de Responsabilidade Social da Uberlândia Refrescos e ao Célio Augusto, mentor que me auxiliou nessa referida iniciativa.



A conduta humana diante do racismo

Padrinho: Célio Augusto de França

As diferenças entre as pessoas são naturais, seja pela cor da pele, dos olhos, pensamentos, crenças, raça e outras particularidades, tendo em vista a imensa quantidade de povos e etnias de diferentes lugares do mundo. Muitas vezes, por se acharem superiores ou melhores, algumas praticam o racismo que afeta outros indivíduos e causa desentendimentos e conflitos.

No Brasil, várias crianças são vítimas de preconceito em escolas, ao ouvirem piadas e comentários ofensivos, muitas vezes por conta do cabelo e a cor da sua pele – inclusive, mais de 20% da população negra já sofreu algum tipo de preconceito. Brincadeiras e piadas são usadas para discriminar os negros e, apesar das leis que condenam quem comete o racismo, ele continua na sociedade.

Algumas pessoas tratam esse tipo de comportamento como algo normal, e grande parte da sociedade não oferece a devida atenção a esse assunto. Para acabar com qualquer tipo de preconceito, precisamos perceber que somos todos iguais, independentemente de idade, cor e condição sexual. Devemos respeitar os direitos de cada um, sem julgar ninguém.



Meu nome é **Brenda Cristina Borges da Silva**, tenho 18 anos. Sou natural de Uberlândia e moro com meus pais. O que mais gosto de fazer é estudar e trabalhar.

Meu sonho é fazer uma graduação, ter casa e casar.

No tempo livre, gosto de assistir à TV, novela ou filmes. Tenho muito orgulho de meus pais, família e amigos, como os da empresa. Sou muito objetiva e focada em minhas metas.

Mulheres

Madrinha: Edna Márcia Gonçalves

O nome “MULHER” traz uma reflexão perfeita! Podemos enumerar vários adjetivos, tais como: mulheres batalhadoras, guerreiras, mães geniais, amigas, esposas e excelentes profissionais.

Sabemos que atualmente têm buscado muitos direitos, e cada vez mais, conseguem o seu lugar na sociedade, pois merecem muito!

Para mim, a mulher é como uma estrela que brilha todas as noites e sua luz nunca tem fim. Devido a sua luta ser constante, necessita ter muita cautela e muita coragem.



Olá! Me chamo **Dayelle Rodrigues Peres**, tenho 15 anos, moro com minha mãe, Carla, tenho uma irmã, por parte de pai, de 23 anos, estou fazendo o 1º ano do ensino médio e faço curso de Processos Administrativos, como jovem aprendiz, e curso de Informática.

Gosto bastante de sair com os amigos e me juntar com meus familiares. Também adoro mexer nas redes sociais e assistir a filmes de terror e de romance.

Sororidade: como não julgar as outras mulheres

Padrinho: Lucas Barcelos

O tema “assédio” é um assunto que está sendo bastante discutido no mundo, pois as mulheres compartilham momentos em que foram abusadas, perseguidas ou filmadas por um estranho na rua, entre outras situações. Devido a aceleração da informação, promovida pelo uso das redes sociais sobre um assunto como esse, gera comentários, questionamentos, opiniões e diferentes pontos de vista.

Por um lado, algumas pessoas passaram por circunstâncias como essas e são capazes de sentir empatia. Por outro, ainda temos, infelizmente, sujeitos que nunca passaram por uma situação parecida e que nunca enfrentarão algo do tipo. Digo “infelizmente” não por não

passarem por essa condição, mas, sim, pela falta de empatia com o próximo.

Vivemos em uma sociedade na qual o que acontece com o outro é um problema dele, o que contribui para comentários arrogantes e desrespeitosos que ignoram os sentimentos e a fragilidade das vítimas. É, no mínimo, surpreendente que, nos dias de hoje, ainda haja a necessidade de elucidar a alguém o significado do que é ter consentimento e apresentar formas de lidar com outras pessoas.

Pensava também que, no contexto atual, não seria preciso lembrar as pessoas sobre o limite do próximo e o entendimento de que nada sabemos da vida daquelas que mal conhecemos. Sendo mulher, acredito fortemente que, se a maioria da população defendesse outras mulheres e falasse abertamente sobre as experiências com o assédio e como ele machuca, caminharíamos para outro nível na busca da equidade.

Homens pensam que a forma de olhar para uma mulher não é assédio, mas, sabem por quê? Não é incomum uma mulher passar por um grupo de indivíduos do sexo masculino e identificar que alguém está olhando bastante, assim como não é incomum um sujeito falar as famosas frases: “não pode olhar?” Ou “se eu olhar alguns segundos, já quer dizer que estou assediando alguém?”. Somente olhar não representa um problema, porque um de nossos sentidos é a visão, e as demais intenções conseguem ser percebidas por ela.

É, pois, sobre até qual ponto uma pessoa não sabe como um olhar de minutos, ou até mesmo de segundos, é capaz de constranger uma mulher. Considero ainda mais triste uma mulher atacar ou acusar outra por ter sido assediada, com comentários do tipo: “olha essa roupa e esse decote. Você quer o quê com um tipo de roupa dessa?”.

Em suma, devemos ter SORORIDADE! A esse respeito, de acordo com a Organização Politize, “sororidade é um termo que se originou do latim *sóror*, que significa ‘irmãs’, diz respeito a um comportamento de não julgar outras mulheres e ouvi-las”. Desconstruir a rivalidade entre mulheres pode ser uma pauta ainda a ser discutida na sociedade, pois tem um único objetivo: construir sentimento de união para gerar empatia entre as mulheres. Isso me leva a crer que, por meio deste texto, consigo plantar uma sementinha em cada mulher.



Prazer, caro leitor ou leitora. Antes de tudo, gostaria de me apresentar. Meu nome é **Dionísio Nery dos Santos Neto**, tenho 18 anos e moro com minha família: meus pais, Antônio e Elisabete, e meus três irmãos, Miguel, Maria e Ana.

No tempo livre, gosto de tocar violão e passear pela cidade de bicicleta ou, então, tomar um refrigerante com meus amigos em alguma praça e ver jogos de basquete. Também tento aprender a andar de skate sem cair.

Gosto muito de música ou qualquer outra arte que use rimas.

Mas, alguns anos atrás, descobri que gosto de poesia e comecei a escrever. Desde então, meu grande sonho é, um dia, poder viajar pelo mundo e conhecer o máximo possível de cada cultura, ponto turístico de cada país e relatar tudo em forma de poesia, música ou, quem sabe, um livro.

Independentemente de como irei retratar minhas viagens, já tenho um título pronto: “A prova de que o paraíso é na Terra”.

Negritude

Madrinha: Jaqueline Pereira Carvalho

Se nós, negros, voltarmos para a África
O racismo acabaria?

Se nós, negros, ficarmos de cabeça baixa

E continuarmos submissos, todo o sofrimento e a humilhação acabam?

Se nós, negros, nos contentarmos em sobreviver na miséria, em viver nas favelas e crescer em vielas, ficaremos bem?

Se nós, negros, nos contentarmos e aceitarmos que somos inferiores, preguiçosos, feios e que não merecemos o que há de melhor nessa vida, conseguiremos viver?

A resposta, independentemente da pergunta, é NÃO!

NÃO, pois já nascemos livres nesse mundo, meus irmãos e irmãs negros, e merecemos viver onde queremos.

NÃO, pois, antes de sermos negros, somos seres humanos e temos direito a viver sem suportar as humilhações vivenciadas pelo nosso povo dia após dia. Temos que andar de cabeça erguida e ter orgulho de quem somos e de nossa história.

NÃO, pois jamais um ser humano deve viver em tais condições. Então, sonhem, meus irmãos e irmãs, sonhem com mais: em ter uma casa grande, o melhor carro ou um bom emprego. Sonhem e, depois, realizem tais sonhos, pois também somos dignos de viver e desfrutar do que é bom.

NÃO, pois não somos inferiores ou feios. Nós, negros, conquistamos diversos títulos: ao longo de nossa história, temos diversos atletas, filósofos, pensadores e inventores magníficos. Somos tão excepcionais quanto qualquer outro povo e merecemos nosso reconhecimento.

Por isso, nunca deixem de lutar ou ter orgulho de quem vocês são; nunca deixem alguém dizer que são inferiores por sua cor; nunca deixem de ser NEGROS.



Sou **Eliabe Martins de Melo**, nasci em Patos de Minas, Minas Gerais, no dia 19 de dezembro de 2003. Tenho 17 anos e vou falar um pouco sobre mim.

Sou cristão, músico (toco guitarra, violão, teclado, bateria e canto também) e tenho ótimo humor, com altos índices de amizade.

Sou bem amigável e *otaku* e tenho muito amor pela cultura *geek* nos games e animes. Amo filmes, séries e livros. Curto muitos estilos de música, mas rock clássico é o que amo. Tenho como passatempo ouvir *podcasts*, estudar, ler bons livros e, de vez em nunca, mangás. Gosto de esportes e *stand-ups*, e amo a empresa onde trabalho. Por enquanto, isso é um pouco de mim! 😊

Sobre o racismo

Madrinha: Sueli Almeida

Existe um tema que tem sido bastante propagado, mesmo sem ser o mais dialogado: o racismo. No dicionário, é definido como um conjunto de teorias e crenças que insinua a hierarquia das raças, motivada pela cor da pele ou origem étnica.

Tenho uma opinião bem formada sobre essa ideologia. Em minha perspectiva, defino como ignorância, visto que os fatos científicos comprovaram, centenas de vezes, que raça ou etnia pode nos deixar

em desvantagem, tanto em nossa forma fisiológica como em nosso psicológico.

Ótimos exemplos referem-se às olimpíadas de xadrez, matemática e de atividades físicas, algumas com níveis de preparação sub-humanos, em que já presenciamos o êxito de atletas brancos e negros.

Gosto desse assunto para conversar, dialogar e argumentar, em que penso bastante sobre ele como ausência de evolução. Porém, isso deveria ser improvável, pois a raça humana tem mais de 300 mil anos.

Sinto muito por pessoas que foram direto e/ou indiretamente feridas por algo assim, porque isso não é somente culpa de quem pratica atos racistas, mas também da falta de informação para algumas pessoas. Deixo uma citação e faço minhas as palavras de Morgan Freeman: “O dia em que pararmos de nos preocupar com consciência negra, amarela ou branca e nos preocuparmos com consciência humana, o racismo desaparece”.



Sou **Fernanda Pires Rocha**, nasci em 20 de fevereiro de 2004, e tenho 17 anos. Sou a filha mais velha de Patrícia e Marco Franco e tenho só um irmão. Moro com a minha mãe e meu irmão em Uberlândia, Minas Gerais.

Trabalho como jovem aprendiz na Uberlândia Refrescos, na primeira portaria do departamento Fiscal, mas, com essa pandemia, realizo as atividades da empresa em casa.

Estou cursando o 3º ano do ensino médio na Escola Estadual Professor José Ignácio de Sousa e pretendo fazer a graduação em Direito. Meu maior sonho é formar-me para poder ajudar minha família. Gosto muito de ler livros, ouvir música, conversar com os amigos, sair com a minha família e, também, ficar em casa.

Sombras do medo

Madrinha: Ana Carolina Alves

Para quem não sabe, a sigla LGBTQIAP+ contempla lésbicas, gays, transexuais/ transgêneros, *queers*, intersexos e assexuais, só que não é apenas isso: também é amor, paixão, carinho e muito mais.

É um amor lindo como aquele que ocorre entre um homem e uma mulher, não é mais ou menos que isso. Toda forma de amor é válida e deve ser respeitada, em que ninguém possui o direito de interferir na

opção sexual do outro. Ademais, não será menos hétero por respeitar o próximo, cuja escolha só cabe a ele mesmo.

Pessoas LGBTQIAP+ sempre existiram, mas, infelizmente, viviam “nas sombras”, com medo do julgamento de quem não as entende, pessoas que usam a religião para julgar e diminuir. Tais indivíduos falam, por exemplo, que elas precisam de Deus, que Deus não aceita esse “tipo” de coisa, enfim... usam Deus e a religião para justificar seus preconceitos e a homofobia.

Ser LGBTQIAP+ nunca foi “modinha”, como muitas pessoas julgam ser. Eles só se cansaram de reprimir seus sentimentos...



Meu nome é **Francisco de Assis Freitas Bernardes da Silva**, tenho 17 anos e nasci em Uberlândia, Minas Gerais.

Estou cursando o 3º ano do ensino médio e pretendo fazer uma graduação relacionada à programação (mas ainda não sei qual).

Atualmente, moro com meus pais, com os quais gosto de sair, além de adorar jogar vôlei. Meu primeiro emprego foi no setor de logística da Uberlândia Refrescos, que está sendo uma ótima experiência. No tempo livre, gosto de estudar sobre *web designer* e jogar com a minha namorada, além de fazer o que quase todo mundo gosta: ouvir música.

Viés sobre o racismo

Padrinho: Wesley Regys Martins

Segundo o artigo que li sobre a importância do antirracismo, percebi várias coisas que, na minha opinião, não são tão relevantes. É bem estranho o fato de a população negra ser a maioria e não ocupar os cargos de grande valor.

Sobre os vieses, não acho certo que as pessoas, somente com o olhar, julguem outra e tomem certas atitudes – para mim, isso não faz sentido algum. Até gostaria de saber de onde veio a ideia de que o negro é inferior ou de que uma pessoa é menos importante devido à sua classe social.

Já no que diz respeito aos modos de falar, também discordo de várias coisas. Muitas expressões observadas no texto não fazem sentido hoje em dia, como o fato de a pessoa falar e ser racista só porque afirmou algo.

Concordo que, talvez no passado, as pessoas expressavam-se com um tom de maldade e racismo, mas acredito que palavras específicas não são usadas para fazer o mal para o outro. Como ofende, não há motivos para usar e não custa nada respeitar.



Olá, meu nome é **Gabriel Henrique Carrijo Martins**, tenho 18 anos, sou ariano. Nasci e fui criado em Uberlândia, Minas Gerais, mais especificamente no bairro Tibery.

Hoje sou jovem aprendiz no setor de manutenção da Uberlândia Refrescos, fábrica da Coca-Cola.

Fui uma criança muito energética, brincalhona e atenta, criada bem perto dos meus irmãos mais velhos, Matheus e Renata, além de minha sobrinha, Laura. Minha mãe, Ana Maria, sempre foi a guerreira mais forte que eu já vi – ela é a melhor, sem dúvidas!

Era uma casa cheia, mas meus irmãos se casaram e saíram de casa, e minha mãe se divorciou do meu padrasto, que também morava com a gente. Agora somos eu e ela, ela e eu.

Gosto muito da minha família. Meus melhores amigos/amigas são meus primos e tios – depois da minha mãe, claro.

Nos últimos dois anos, meus dias têm sido meio parecidos por conta da pandemia.

Sinto falta de uma rotina estável; então, #vacinaLogo!!!

Sou muito grato pela oportunidade de participar desse projeto incrível da Geladoteca.

Vai ficar muito lindo!



Diversidade e respeito

Madrinha: Cristina Martins de Alcântara

Quando penso em diversidade, reflito logo sobre LGBTQIAP+, não só pelas sexualidades diferentes, mas também pelas pessoas que fazem parte dessa comunidade, que vai além dos estereótipos.

A diversidade no mundo LGBTQIAP+ fala muito sobre se aceitar e entender que o respeito não está (e nunca esteve) enraizado em nossa sociedade. Ser LGBTQIAP+ não se trata de confusão ou indecisão, mas, sim, de uma grande diversidade de pessoas que entenderam que, para serem felizes, bastam ser elas mesmas.

Cada dia mais, a sociedade entende que, para ser LGBTQIAP+, não cabe a terceiros ser ou não ser, gostar ou não. Existe o entendimento entre poder ser (e sentir) o que quiser para se encaixar em uma realidade diversa, na qual mais pessoas têm se descoberto e conseguido viver em conjunto.

Quando você se encaixa nessa diversidade, entende que as pessoas precisam buscar por mais respeito e empatia. Ser o que é e sentir o que sente não é um problema, e, sim, a solução.



Meu nome é **Gabrielly Borges Ferreira**, nasci no dia 30 de julho de 2003, em Uberlândia, Minas Gerais.

Minha mãe chama-se Cristiane, e meu pai, já falecido, chamava-se Willian. Tenho sete irmãos e perdi um quando era bem pequena (não tive a oportunidade de conhecê-lo).

Sou a caçula, “a rapa do tacho”, como dizia meu pai. Gosto de fazer várias coisas, como sair com os amigos e ficar em casa vendo séries/filmes favoritos – inclusive, amo o gênero terror, e sempre digo que “nasci assistindo”, já que meu pai influenciava-me muito. Amo ouvir músicas, principalmente de rap.

Diversidade religiosa

Madrinha: Ana Maria Fernandes

A diversidade religiosa é um tema que exige bastante atenção devido à sua representatividade em todo o mundo. Muitas vezes, não é compreendida como liberdade religiosa – a maioria das pessoas entende como “manifestações religiosas”, mas, na verdade, não existe apenas uma religião verdadeira que esteja acima das outras. O desrespeito com a religião do próximo está presente na sociedade, em que pessoas são ofendidas, discriminadas, agredidas, tornam-se motivo de piada e podem até mesmo ser assassinadas, simplesmente por

escolherem seguir determinada religião. Todos os dias, cristãos são mortos por causa da sua fé.

Sabe-se que em diversos países, como alguns do Oriente Médio e a Coreia do Norte, o cristianismo é proibido. No Brasil, existe uma grande liberdade de escolha de religiões, mas podemos observar casos em que os próprios grupos religiosos são preconceituosos entre si e com outras religiões. Cada pessoa pensa de uma forma diferente; logo, independentemente da escolha do outro, devemos respeitar. Respeito se dá com respeito e, se cada um fizesse sua parte, o mundo seria um lugar melhor para se viver. A diversidade religiosa deve ser preservada para cessar a intolerância entre os diferentes grupos que coexistem na sociedade.



Meu nome é **Giovanna Rodrigues Borges**, tenho 15 anos e gosto de estudar, ver filmes e conversar com os amigos.

Moro com meu pai, que trabalha na empresa Toklimpeza, e a minha mãe, que trabalha com bronzeamento. Tenho também um irmão, de 21 anos.

Ser mulher

Madrinha: Yasmin Rodrigues Ramos

O que é ser MULHER? Para mim, é ser única, principalmente com qualidades próprias, sem precisar se comparar com outras mulheres. Temos aptidões e não podemos deixar que outros indivíduos nos nomeiem como incapazes.

Alguns te enxergarão como louca por ser quem é – uma mulher madura, segura e dona de si –, mas devemos levar em consideração que ninguém é igual. E nós, mulheres, não somos iguais, uma vez que podemos ser quem quiser, independentemente do grau de maturidade.

Somos diferentes até no modo de agir, em certos momentos, mas temos grandes corações. Ser mulher é trazer sua personalidade para cada momento enquanto filha, mãe, amiga, esposa, profissional, entre outros atributos. Muitos se sentirão incomodados com a nossa

personalidade e até nos rotularão como egoístas! Louco isso, né? Como entender a cabeça das pessoas?

Apesar de ser jovem, vejo que nós, mulheres, não somos valorizadas, e isso, às vezes, nos tornam frágeis, o que me incomoda bastante. Por que precisamos sempre buscar respostas certas? Se erramos ou acertamos, é porque somos normais como qualquer outra pessoa!

Dessa forma, sugiro que nossas vozes sejam respeitadas, pois, apesar de sermos seres humanos, querem nos silenciar a todo instante. Saibam que somos bondosas e carregamos carinho no olhar e uma força enorme nos gestos. Também sabemos nos defender, se for preciso! Isso é ser mulher.



Olá, meu nome é **João Gilberto Luciano Prado**, nasci em Uberlândia, Minas Gerais, e, desde então, moro aqui.

Já tive oportunidades de viajar para alguns lugares do país. Desde pequeno, sempre aprendi algumas coisas com mais facilidade; porém, tenho alguma dificuldade em prestar atenção nas coisas que vou fazer.

Gosto muito de jogos e esportes em geral. Já ganhei um torneio de xadrez e tenho algumas medalhas de interclasse de futebol – quem sabe, algum dia participarei de um mundial de jogos *on-line*. Minha família é legal, gosto dela por ser bem estruturada, mas, assim como qualquer outra, temos problemas. Atualmente, estou ajustando minha vida para atuar com uma ampla performance no mercado financeiro. Ainda há outras coisas que pretendo fazer, mas o tempo muda as pessoas e talvez eu mude os planos.

Consciência sobre a diversidade

Madrinha: Fernanda Silva Pereira

Acho interessante terem celebrações no ano em que homenageamos momentos e conquistas de grande valia para a nossa história e, muitas vezes, nos influenciam até os dias de hoje. Contudo, não curto o fato de haver dias para lembrar as pessoas de que devem respeitar umas às outras e de que precisam tomar os devidos cuidados para manter a própria saúde.

Esses fatores apenas mostram que a maioria das pessoas não aprende com os avisos, ou realmente não se importam com o que pode acontecer, tanto em relação a elas, quanto no que diz respeito aos outros. Ao ignorarem esses dias, proporcionam apenas o agravamento dos problemas.

Consequentemente, há a inutilização dos esforços daqueles que tentaram ajudar. Penso que a humanidade passa por um período de grandes mudanças, não apenas por conta da evolução tecnológica e da mudança climática, mas também em razão das lutas pela liberdade, pelo direito, pela vida etc.

Lutas e movimentos estão apontados para um lugar que poderia ser chamado de utopia e, por isso, poderia se tornar realidade. Caso contrário, se não nos levar a nada, acredito que anos difíceis virão, nos quais até mesmo os ricos não terão poder sobre coisa alguma.

Procurar e encontrar os problemas não é algo difícil, mas é complexo conseguir a resposta para eles. Lutar por alguma coisa é normal e acontece há muito tempo, mas os que não são afetados negativamente pelo problema, muitas vezes não lutam para acabar com ele. Já aqueles que não participam por medo, deve-se ao fato de combaterem algo dentro deles – medo não é covardia, e ambos os termos possuem significados diferentes.

Falta algo para centralizar o poder, de forma que cuidar do planeta ajuda as pessoas. O avanço da humanidade em tecnologia e tolerância seria o foco, mas, para chegar a esse ponto, acho que ainda vai acontecer muita coisa. Diria que as piores pessoas em uma sociedade seriam as ignorantes, egocêntricas e narcisistas, enquanto que as melhores seriam altruístas, determinadas e apaixonadas.



Meu nome é **João Pedro Oliveira Silva**, tenho 21 anos de idade e nasci em Uberlândia, Minas Gerais. Atualmente, estou cursando Engenharia de Produção na Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação de Campinas (ESAMC) – unidade Uberlândia, com o qual identifico-me bastante, por ser amplo no mercado mundial, ter opções de atuação em vários setores de trabalho, assim como desenvolver projetos, planejamentos etc.

Em minhas horas vagas, faço academia, jogo bola com os amigos, toco violão e procuro me distrair da melhor maneira possível. Também procuro me desenvolver melhor em qualquer atividade, com o intuito de conquistar os objetivos almejados.

Questões raciais

Padrinho: Vinicius Dias dos Santos

Desde a colonização, o Brasil passa por um processo contínuo de *apartheid* sob influência da Europa, há centenas de anos. Isso prova que, mesmo diante da miscigenação racial e racial, o preconceito persistirá por muito tempo.

Como o racismo foi um apêndice dos 300 anos de escravidão do Brasil, Fernandez (1972) afirma: “O que planejamos para o nosso futuro próximo e distante, não é a fixação de um ponto fixo que separa os

negros dos brancos. Há uma pequena participação em um mundo branco, porém, o mundo branco se diluiu e desapareceu para se integrar totalmente a todas as fronteiras da humanidade, e hoje essas fronteiras só coexistem ‘mecanicamente’ na sociedade brasileira”.

A desintegração da sociedade branca não é o seu desaparecimento, mas, sim, a perda de protagonista e poder diante de outras criaturas que constituem a mesma sociedade. Portanto, a igualdade social e racial é definitivamente algo sólido, e não apenas utopia e mitologia.

Tendo em vista que as questões raciais ainda precisam ser exploradas e discutidas nos campos da sociologia e da história para compreender os fatos e as razões de sua persistência ativa na contemporaneidade, esse aspecto tornou-se realidade ao longo do tempo e foi modificado pela sociedade.

Dentre os fatos citados acima, pode-se perceber que a sociedade traz a questão do racismo desde a sua colonização, fato que tem sido mudado com o tempo pela sociedade atual por meio de protestos, cartazes e anúncios espalhados. Carregam sempre no peito a luta contra a discriminação da sua raça/cor de pele que, frequentemente, foi julgada por outras pessoas.

Contudo, espera-se que esse preconceito acabe o mais rápido possível, a fim de não machucar ou julgar alguém somente pela sua cor de pele ou qualquer outro tipo de preconceito.



Meu nome é **João Vitor Sousa de Oliveira Gomes**, sou estudante do 2º ano do ensino médio e moro atualmente com a minha mãe.

Sou uma pessoa bastante tranquila e sempre me cobro para ser melhor. Tenho uma paixão muito grande pela natureza, inclusive pelos animais, árvores e rios.

Gosto de conhecer novos lugares; por isso, amo viajar. Acredito que, se há respeito e uma boa relação com a natureza, teremos, consequentemente, um mundo melhor!

O mundo com um olhar diferente

Madrinha: Andreza Carneiro Paiva

Pessoas com deficiência vieram para nos ensinar o sentido de amar.

Às vezes, sentem medo de mostrar o que realmente as fazem diferentes, sem saber o brilho que carregam diante de tanta maldade nesse mundo da gente.

Algumas com incapacidades físicas, e outras, mentais,
mas todas por dentro, iguais.
Acredito em um mundo sem diferenças,
com mais amor, tolerância e paciência.
Que todo talento pertencente seja visto e floresça.

Por que olhar com dó?
Se essas pessoas têm a capacidade
de nos fazer enxergar e valorizar
o que temos de melhor!
Vieram para deixar um aprendizado de que cada olhar tem,
sua história e seu legado.
Todos os dias ensinam que superação
é a palavra que as definem,
inspirando outras histórias,
parecendo até roteiro de filme.

E às vezes me pergunto,
por que um olhar diferente?
Se possuem capacidade até
mesmo de fazerem coisas
que nem mesmo sabe a gente!



Meu nome é **Júlia Silva Ramos**, tenho 18 anos e nasci na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, no dia 7 de agosto de 2002.

Atualmente, o que mais gosto de fazer é andar de motocicleta. Em 2020, consegui tirar minha carteira de motorista e conquistei minha primeira moto!

Trabalho na Uberlândia Refrescos, onde tive a oportunidade de participar do projeto “Leitura sem fronteira na Urala”, no qual escrevi para um livro. Espero que vocês gostem do meu texto!

Paixão e preconceito

Madrinha: Carine Silva Guimarães Pimenta

Meu nome é Júlia Ramos, sou natural de Uberlândia, município de Minas Gerais. Aos 18 anos, ainda bem jovem, iniciei o processo de retirada da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) para conduzir motos. Desde cedo, sempre economizei financeiramente para isso. Ouvi comentários como: “Pilotar? Andar de moto? Ter uma moto? Ah, nada disso é coisa para mulher!”.

Diante de tais comentários, quase desisti, em vários momentos, mas, mesmo assim, consegui tirar minha habilitação e comprar uma moto, que piloto atualmente. Sempre pensei de forma diferente do que

me era dito sobre escolhas para o público feminino e me espelhei em mulheres fortes que até hoje lutam pela igualdade de gênero, como Malala Yousafzai, que levou um tiro em um ônibus, pois queria estudar; Dilma Rousseff, primeira mulher a ser eleita para o cargo de presidente do Brasil; e Marta Vieira, hoje considerada a melhor jogadora de futebol do mundo.

Esses são apenas alguns exemplos de mulheres que fizeram (e fazem) a diferença em nossa história. Ao pilotar minha moto, sinto que também estou junto e colaboro decisivamente com essa causa.

Mesmo com a cultura machista que persiste fortemente em nossa sociedade, precisamos mudar essa realidade. Para isso ocorrer, depende de cada um fazer a diferença diante de comentários e deprecições com o público feminino, com o intuito de apresentar atitudes adequadas nesse contexto.



Meu nome é **Kailane de Souza Sampaio** e sou natural de Cafarnaum, Bahia, vim de uma cidade bem simples e aos quatro anos de idade, cheguei a Uberlândia, com a minha mãe – meu pai já estava morando aqui.

Sempre fui uma menina muito educada, humilde, que corre atrás dos sonhos e faz de tudo para ter o que quer.

Meus pais nunca me deixaram faltar nada. Sempre tive o que queria, mas isso nunca foi motivo para eu deixar as coisas mundanas subirem à cabeça. Carrego humildade e respeito comigo – desde pequena, sempre quis trabalhar, mas meus pais nunca aceitaram essa ideia.

Aos 15 anos, comecei a correr atrás de tudo que mais queria: um emprego. Aos 17, depois de longas tentativas e experiências em outras empresas, consegui entrar na Uberlândia Refrescos. Sempre me lembro do que consegui e aonde posso chegar, por ter entrado em uma empresa que sempre me inspira o melhor. Então, ergo minha cabeça e vou em frente, em busca do melhor, sempre!

E hoje, com 18 anos, continuo uma garota com pensamentos firmes e trabalhando para ter um futuro melhor.



Quantas mulheres mais...

Madrinha: Caroline Rabelo Silva

Quando percebi, já estava no chão, chorando, sentindo-me fraca e incapaz, diante da pessoa que achava que era meu porto seguro. Naquele momento, percebi o quão enganada estava. Vi que o príncipe encantado tinha se tornado o vilão, que o porto seguro tinha se tornado o lugar que eu procurava me afastar.

E, quando percebi que estava chorando em frente ao meu pai e o vi me observar com um olhar de tristeza, dor e angústia, percebi quem era meu príncipe encantado, quem nunca tinha se tornado um vilão para mim. Os conselhos, o amor e a paciência que ele teve, ao me falar que quem ama não deveria magoar o outro, fizeram-me ouvi-lo e guardar tudo aquilo que ele me disse. Foram minutos passados com meu pai que se eternizaram em minha mente, pois o fato de poder me soltar na frente dele fez-me bem.

Mas eu e meu coração bobo resolvemos dar mais uma chance, pensando que ele poderia mudar e ser diferente dessa vez. Fizemos tudo ao contrário do que meu pai tinha dito, mas eu precisava dar uma segunda chance, pois as promessas dele pareciam tão reais – e tudo mudou por um tempo. Então, resolvi contar ao meu pai, que ainda parecia triste, como se soubesse como aquilo iria acabar.

Na primeira semana, começava a me sentir um pouco melhor, mas, na segunda, ao olhar dele, fiz algo de errado. Naquele momento, ao escutar o primeiro grito, o primeiro xingamento, a primeira tentativa de pôr a mão em mim, fiquei totalmente confusa com tudo, perguntando-me sobre onde tinha errado e, quanto mais me perguntava, mais coisas eu via que me faziam querer acabar com tudo e, por vezes, acabar comigo mesma.

Foi um modo de agir, falar, tratar e me fazer uma marionete nas mãos dele. Foi nas vezes em que não pude ir a uma festa, que não pude ver minha família, sair com uma roupa que gostava... foi na maneira

de me olhar, ao me ver conversar com outras pessoas... enfim, de uma forma possessiva, abusiva, AGRESSIVA. Aos poucos, aqueles encantos iam se tornando medo, uma vontade de ficar longe, de terminar... Mas, onde estavam a força e a coragem? O medo de não achar ninguém me perseguia e me prendia a ele.

Assim, observei que ele tinha essas ações para não fazer tudo aquilo que fazia “por trás”, ou seja, com todas as meninas com as quais enchia de esperanças. Ali, tirei forças do fundo do poço para tomar uma atitude, pois não podia continuar nessa situação. “Mas, e se ele tentasse algo contra mim ou a minha família?!”, disse a mim mesma. Logo depois, pensei: “não, não posso deixar esses pensamentos tomarem a minha mente”. Desse modo, coloquei um basta e aqui estou vivendo, na medida do possível e tentando sempre melhorar.

Fui forte, mas, e as outras? Quantas deixaram o medo tomar conta e ainda continuam em relacionamentos piores? Quantas mostraram sua força e acabaram sem vida? Quantas estão lutando e tentando, mas estão presas com vilões que começaram com a máscara de príncipe encantado? Quantas irão perder a vida e a vontade de viver por haver homens que não sabem tratar bem as mulheres, valorizar, cuidar e AMAR, mas, mesmo assim, prendem-nas?

De fato, eles não querem deixá-las ser felizes com quem realmente quer fazer isso. Quantas mulheres irão perder a vida, ao tentarem (e mostrarem) ser fortes? O amor não machuca, não destrói e não maltrata – se o seu tem tudo isso, seja um pouco mais forte e tenha fé, pois não está sozinha e irá conseguir achar a felicidade. Só não se perca, pois o caminho é longo e é difícil. Mas, tudo que vem fácil, vai fácil. Não se culpe e não perca a esperança – SEJA FORTE!



Olá, me chamo **Kamyla Lemes Rodrigues** e tenho 19 anos. Nasci no dia 26 de maio de 2002 e sou geminiana, com muito orgulho!

No tempo livre, gosto muito de assistir a séries e filmes, além de cozinhar. Amo tirar um tempinho para mim nas horas de descanso e me cuidar. Gosto também de sair com a minha família e viajar.

Amo os animais e faço curso de Auxiliar Veterinário; logo, pretendo me formar na área de Medicina Veterinária.



Mulher guerreira

Madrinha: Carolina Gonçalves Gomes

Tenho orgulho de ser filha de uma MULHER GUERREIRA, a melhor amiga para mim e para todos – me vejo em teus olhos e me sinto segura, amada e protegida. Seu abraço é minha casa, onde quero passar o resto da minha vida.

Desde a adolescência e até hoje, foi batalhadora e persistente, pois lutou para dar o melhor às filhas e a si mesma. Saiu de casa com 16 anos para trabalhar e ter a casa própria e perdeu o pai ainda jovem, mas foi capaz de prosseguir com a dor. Isso a fez mais forte para se mostrar capaz de ser independente – mesmo com as dificuldades que a vida lhe trouxe, sempre foi forte e persistente.

Nunca se rebaixou para situação alguma, tentando resolver os problemas sem ninguém saber. Foi humilhada, traída e desvalorizada, mas isso nunca afetou seus pensamentos e a fez se manter forte. Há momentos de tristeza, alegria e gratidão por ter chegado onde está, seja ao tentar ser forte todos os dias, com a perda dos irmãos, enfrentar dificuldades com a família, ajudar sua mãe e dar sempre o melhor por todos.

Ela é a base de tudo. Hoje me olho no espelho e vejo o seu reflexo, e isso me faz sentir a menina mais sortuda do mundo. Levo como aprendizado para a vida tudo que minha mãe passou (e ainda passa). Se um dia eu conseguir ser a metade da mulher incrível que você é, vou sentir orgulho de mim! Obrigada por ser essa MULHER F***, Edsonia Rodrigues Machado!

Fazer esse texto inspirado na história da minha mãe foi uma explosão de sentimentos. Senti tristeza, felicidade, gratidão, amor, carinho, respeito etc. Foi gratificante contar um pouquinho de tudo, estou muito contente por ter essa oportunidade e espero que sirva de exemplo para outras mulheres, assim como é para mim!

Acredito que nós, mulheres, precisamos de mais respeito, amor e carinho. Tenho esperança de um mundo melhor, onde todas serão vistas como prioridade, sem discriminação e ofensas.



Quem sou eu? Meu nome é **Lara Cristina Souza da Silva**, tenho 17 anos, faço aniversário no dia 10 de março e nasci em Uberlândia, Minas Gerais.

Minha mãe chama-se Cristina Souza Goulart, e meu pai, Luciano Abadio da Silva. Sou estudante da Escola Estadual Lourdes de Carvalho e jovem aprendiz da empresa Uberlândia Refrescos e da Fundação Maçônica Manoel dos Santos.

Moro com a minha mãe, meu pai e meus dois irmãos, um de 21 anos, e outro, de 13. Temos também três animais de estimação (um casal de cachorros e um gato). Amo todos esses animais, mas o gato é o meu xodó – costumo dizer, inclusive, que ele é meu “filho”.

Meu pai é autônomo e trabalha com um pouco de tudo: pedreiro, marceneiro, pintor, eletricista... minha mãe também é autônoma e adora vendas – ela está investindo para ter a própria loja, algo que me orgulha bastante.

Minha infância foi muito boa – sem celular, sem muita tecnologia –, e não poderia ser melhor. Lembro de quando brincava na rua, com alguns coleuinhas, de amarelinha, bandeirinha estourada, pique-esconde... essas eram algumas de nossas brincadeiras, em um tempo maravilhoso! Aos sete anos, entrei na escola. Lá aprendi a ler, a escrever, a me comunicar melhor e a ser uma aluna inteligente e dedicada. Sempre mantive minhas notas altas e me orgulho muito disso.

O que mais gosto de fazer no meu tempo livre é ver séries. Meu maior medo é perder as pessoas que mais amo – meu grande sonho é me tornar uma mulher forte, resiliente e bem-sucedida. Vejo o mundo como um lugar que poderia ser melhorado. Ele possui oportunidades, mas também há desigualdades e muita maldade nas pessoas que nele habitam;

por isso, acho que todos deveríamos tentar ser pessoas melhores e mais solidárias.



Triste realidade

Padrinho: Edmilson Lima Vieira

Em determinada manhã, nasceu uma criança de família muito humilde, da qual seus pais se orgulhavam. Mais tarde, seria a protagonista de uma história muito triste, cercada de desafios e preconceito. Durante a infância, olhava-se no espelho e já discordava da própria imagem, pois dentro de um corpo masculino havia uma mente afeminada. Na adolescência, ele já se descobriu e ali, naquela época, a menina que havia dentro de si mesmo começou a se aflorar.

Um dia, chamou os pais para conversar com o intuito de se assumir como travesti, buscando, ali, uma certa compreensão, mas ele mal sabia que o preconceito começaria dentro da própria casa. Após esse difícil diálogo, foi expulso de onde vivia, pois seus pais eram rígidos e tradicionais – naquele momento, começava a luta por aceitação e sobrevivência. Foi amparado por amigos que também passaram por isso, embora o sofrimento continuasse o mesmo: *bullying* nas instituições de ensino, xingamentos nas ruas, falta de oportunidades e aceitação em empresas.

Diante desses fatos que aconteceram em sua vida, a única opção foi a prostituição, meio encontrado para sobreviver; então, escolheu o nome de guerra “Suelen” e entrou para uma triste estatística. De acordo com pesquisas, cerca de 90% das travestis e transexuais do país sobrevivem da prostituição – esse caminho, infelizmente, trouxe dor, sofrimento, violência e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs).

Em uma noite, foi enfrentar a “batalha”: chegou o cliente, mas ele estava visivelmente alterado devido ao uso de álcool e drogas. Suelen já estava acostumada a atender esse tipo de clientela, mas, naquela

noite, algo estaria prestes a acontecer. Infelizmente, Suelen foi morta de forma triste e trágica, ao se tornar mais uma vítima nas estatísticas brasileiras.

Reportagens jornalísticas mostram que, no Brasil, a expectativa de vida de um trans é de 35 anos de idade, número que representa menos da metade da expectativa de vida média da população brasileira, que é de 76 anos. Portanto, Suelen foi somente mais uma das vítimas dessa cruel sociedade, ao ser morta, aos 24 anos, por espancamento durante um programa. Como afirma Viviane Possato, repórter da Rede Globo: “A diversidade é uma condição humana, a igualdade que precisa existir é a de acesso aos direitos, ao trabalho, à saúde, à educação, à liberdade, com direito ao respeito!”.



Olá, meu nome é **Lucas Aparecido Pedro França**, tenho 19 anos, moro com meu pai, Deusdete, minha mãe, Ivanilda, e meu irmão, Mateus.

Gosto bastante de tecnologias e pretendo me formar em Tecnologia da Informação. Também adoro jogar bola e assistir a séries na TV.

O racismo no Brasil

Padrinho: Márcio Junior Alves

Na sociedade atual, um dos maiores problemas no Brasil é o racismo, cujo conceito advém da Era Colonial, em que a escravidão era legalizada. O racismo pode ser definido por algum discurso ou ação preconceituosa que classifica inferiormente outras raças humanas.

O racismo é um dano social no Brasil. Mais de um século após a libertação dos escravos, ainda existem poucos espaços de prestígio à população negra. Há uma grande demanda excludente, como nos ambientes de trabalho, nas universidades e nos hábitos cotidianos que ainda praticam atos irreparáveis quanto à cor da pele.

Buscar entender como o ato racial age no contexto social é bastante complexo, já que muitos batalham para excedê-lo; logo, seria loucura lutar contra algo que já se tornou uma ferida que assola o nosso país. Para confrontar diretamente o racismo no Brasil, temos um grande

inimigo: a Internet. Nela, todos têm a “liberdade” para falar o que quiser, até porque não existe controle, e de lá surgem os discursos racistas que impactam negativamente essa situação.

Algumas pessoas “tentam” combater esse tipo de ato, mas apenas para conseguir fama. Fazer um tema tão sério virar chacota nas redes sociais deixa tudo mais complexo para se chegar a uma solução. Portanto, para minimizar os impactos do racismo no Brasil, seria necessária a conscientização, desde o início, com as crianças das escolas e, embora o racismo esteja enraizado na sociedade, seria preciso parar de tratar essas atitudes como algo normal no cotidiano brasileiro.

Para não haver maior complexidade nesse assunto sério, seria necessário um melhor controle das redes sociais sobre os usuários.



Olá, me chamo **Lucas Eduardo Aguiar Veras**, tenho 18 anos e moro com minha mãe, Jucielly, e minha irmã, Reyshina.

Sou alguém que busca sempre qualidade e rapidez em tudo que faço.

Sou cantor e compositor. Atualmente, toco em casas noturnas, bares e eventos fechados, além de compor músicas para artistas de níveis nacionais, como o cantor e DJ Dendelzinho, que faz parte do escritório do cantor sertanejo Gustavo Lima. Sou uma pessoa que acredita muito em sonhos e que faz de tudo para realizá-los. Ah, talvez daqui alguns anos, vocês escutem falar muito em alguém chamado Luccas Tuadinha – se isso acontecer, saibam que eu venci! 😊

Ninguém nasce preconceituoso

Madrinha: Marlei Gomes Caetano Carvalho

Em pleno século XXI, ainda vivemos em um mundo preconceituoso em relação à escolha sexual de alguns sujeitos, algo que muitas vezes não é sofrido somente no trabalho ou na escola, mas também dentro da própria casa. Isso afeta, sobretudo, o indivíduo na convivência social com outras pessoas.

Precisamos entender que a escolha sexual de uma pessoa não interfere no seu lado profissional. Não é pelo fato de um indivíduo ser

LGBTQIAP+ que não possa ser um ótimo estudante, um grande cantor, um empresário de sucesso, um jogador de futebol etc.

Podemos ser o que quiser, independentemente de ser lésbica, gay, bissexual, transexual, heterossexual etc. Apenas devemos respeitar as escolhas e ajudá-los a vencer alguns obstáculos que ainda existem em seus caminhos. Vale lembrar que ninguém nasce preconceituoso.



Me chamo **Lucas Gonçalves Batista**, tenho 18 anos e atualmente faço graduação em Fisioterapia.

Moro com minha mãe, meu pai e minha irmã, de 21 anos. Meu *hobby* é, com certeza, jogar ou assistir a jogos de futebol.

Gosto também de escutar músicas e estar com os amigos e a família. Sou uma pessoa bastante otimista, positiva e justa.

Me preocupo sempre em ajudar o próximo e acredito que pequenas ações são capazes de fazer a diferença na vida de quem necessita.

Igualdade para todos

Padrinho: Reginaldo Marques de Melo

Segundo o dicionário, raça significa “divisão tradicional e arbitrária dos grupos humanos, determinada pelo conjunto de caracteres físicos, hereditários, cor de pele, tipo de cabelo etc.”. Agora, quando se fala em história relacionada à raça, existem pontos mais sensíveis e determinantes para certas atitudes e ocasiões que acontecem hoje em dia.

Historicamente, quatro quintos da história do Brasil transcreveram-se na fase escravista. Cerca de 40% do total da escravidão estavam no país, um dos últimos a abolir a escravidão, número suficiente para

demonstrar o peso da escravidão em milhares de africanos e indígenas, homens e mulheres, na formação e no desenvolvimento da sociedade.

Isso, infelizmente, é comum nos dias atuais e se chama discriminação racial, definida como qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor etc. ou o efeito de impedir ou dificultar o reconhecimento em base de igualdade, dos direitos humanos e da liberdade no campo político, econômico, social, entre outros.

Também temos o racismo, que é grave e faz parte dessa triste fase. Novamente no contexto histórico, ao fim da escravidão, povos, de sua maioria descendentes de africanos, indígenas etc. foram simplesmente jogados à margem da sociedade, sem oportunidade de inclusão, o que resumidamente deu início à discriminação.

Diante disso, a falta de direitos, igualdade, respeito e preconceito é algo comum na vida das pessoas que, apenas por terem cor de pele ou classe social diferentes, sofrem e são obrigadas a lutar diariamente contra isso.

Assim como diversas pessoas em todo o mundo, luto e repudio qualquer ato de discriminação ou racismo que venha a presenciar. Ninguém merece ser desrespeitado, menosprezado ou ser vítima de preconceito, muito menos em razão da sua cor de pele.

Hoje existem vários grupos e MCs que passam mensagens em suas letras para conscientizar as pessoas sobre esse tema. Apesar de ser bastante abordada, a desigualdade não deixou (e está longe de deixar) de existir, seja na educação, na cor da pele, na classe social, na política e em outros aspectos. Somos iguais; a cor de pele é diferente, mas a do sangue é a mesma.

Se todos que vissem esse texto, ajudassem em causas, não compartilhassem piadas racistas ou preconceituosas e enraizadas pela cultura, ou ao menos passassem adiante essa motivação, caminharemos para um mundo melhor e igual para todos.



Olá, meu nome é **Marco Antônio Magalhães Messias**, tenho 17 anos e moro com meus pais, Edson Helton e Cintia. Sou uma pessoa com a mente aberta e curiosa. Gosto bastante de animais, especialmente cavalos, além de carros, motos e caminhões. Acredito que, com o trabalho e o companheirismo, ainda conseguiremos melhorar o mundo.

A intolerância religiosa no Brasil

Padrinho: Edson Jesus Santos Tavares

Para muitos, ser religioso contempla pessoas mais maduras do que no tempo antigo. Quando pensam assim, transmitem certa intolerância ao ato de alguém ter uma religião. O sentido amplo da expressão “intolerância religiosa” refere-se a quem discrimina ou ofende as pessoas por frequentarem momentos litúrgicos ou cultos – inclusive, às vezes, até agride pessoas pelas suas práticas religiosas ou crenças. Infelizmente, a intolerância, nesse contexto, ainda é uma realidade que assusta as comunidades.

No Brasil, os casos mais registrados estão relacionados ao racismo, pois a intolerância religiosa é praticada, em maior número, com os adeptos das religiões africanas. Sabe-se que em 21 de janeiro é celebrado o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, uma homenagem à Iyalorixá Mãe Gilda de Ogum, falecida em 2000 em

decorrência de um infarto ao presenciar o seu espaço religioso ser atacado, e seus seguidores, agredidos.

Aqui no Brasil, existe o Disque 100, número de telefone do governo para receber denúncias de violações de direitos humanos. Em meados de 2011, teve início a contabilização de casos de intolerância religiosa – foram em média 15 casos registrados. Posteriormente, esse número aumentou. De acordo com os dados da Secretaria de Direitos Humanos do governo federal, entre 2015 e o primeiro semestre de 2018, foram registrados 1.729 casos, o que corresponde a uma média de 42 por mês. Quem comete o crime de intolerância religiosa pode cumprir pena de um a três anos de reclusão.

Nesse sentido, vejo que precisamos manter o debate sobre a intolerância religiosa sempre em alta, em que buscar conhecimento será o caminho mais assertivo para não causar revolta com relação às crenças diferenciadas. Devemos conhecer de fato sobre o assunto, para depois haver um julgamento sobre qualquer coisa. Intolerância religiosa é crime.



Meu nome é **Maria Eduarda de Brito Vaz**. Nasci em Uberlândia, Minas Gerais, em 27 de março de 2003 e tenho 18 anos.

Desde criança, fui uma pessoa que não parava quieta: adorava brincar de bola, mas não futebol, e, sim, esportes que envolviam o uso da bola, como vôlei e futsal. Inclusive, amo acompanhar meus times pela televisão.

Durante o ensino fundamental II, participei de campeonatos internos, regionais e nacionais de robótica. Foi uma experiência incrível da qual nunca vou esquecer, na qual aprendi a programar e montar robôs para competir com diversas equipes do país.

Apesar de ser uma pessoa introvertida, gosto de conversar e fazer novas amizades. Porém, demoro a enturmar, só quando me sinto mais confortável em relação às pessoas ao redor.

Amo animais. Meus avós moram na fazenda e, sempre que vou para lá, ando a cavalo. Também tenho uma cadelinha que se chama Mel, ela está comigo desde meus 10 anos e é tudo para mim, tendo me ajudado nos momentos difíceis.

Não sei, ao certo, qual graduação pretendo fazer, mas será voltada à área de Biologia ou de Sistemas de Informação.



O feminismo realmente é necessário?

Madrinha: Hozaneide Brito

Durante séculos manteve-se a ideia de que a mulher era uma pessoa que cuidava dos filhos e das tarefas de casa, submissa aos homens e sem direito de fala, muito menos de opinar sobre algo. Antes não havia inúmeros direitos dos dias atuais, em que são vítimas de agressões físicas, psicológicas e verbais.

Após a conquista de direitos ao voto, trabalho e estudo, as mulheres opuseram-se ao viés patriarcal e enfrentaram o que se mantinha por anos. O movimento sufragista do século XIX, por exemplo, foi um dos primeiros responsáveis por garantir o direito ao voto feminino no Reino Unido, ao influenciar políticas de vários países a mudar suas condutas.

Mesmo após a luta e o esforço das mulheres durante anos, apesar de estarmos em pleno século XXI, a diferença salarial e os abusos psicológicos e físicos ainda existem. Atualmente, quantas mulheres trabalham em cargos de alto escalão em empresas? Quantas organizações são comandadas por pessoas do sexo feminino? A prioridade para a contratação nessas funções compreende os homens, cuja justificativa é de que trará prejuízos para a empresa, caso engravidem; porém, deveria ser por competência.

Também existem casos de homens (chefes) que abusam das empregadas, até mesmo em entrevistas de emprego. Apesar das leis, elas ainda são insuficientes, por haver situações nas quais as mulheres sofrem abusos, mas têm medo de denunciar justamente com receio de a justiça não fazer nada e o agressor ser liberado logo em seguida.

Podemos citar a criação de vagões de metrô exclusivamente femininos, no Rio de Janeiro e em São Paulo, justamente porque muitas mulheres eram abusadas e nunca acontecia nada. Penso que isso é

muito triste, porque, em pleno século XXI, não há respeito pelo outro e precisaram tomar atitudes extremas.

Claramente, poderíamos citar inúmeros casos que envolvem mulheres todos os dias. Assim, o feminismo não defende a superioridade delas em relação aos demais, e, sim, a igualdade política, jurídica e social entre homens e mulheres. As lutas continuam e ajudam no crescimento da sociedade.

As pessoas ainda não têm a mente aberta em relação à diversidade e defendem sempre o mesmo ponto de vista, o que banaliza o assunto – deveria haver maior conscientização sobre isso. Enfim, deixamos o seguinte questionamento: como alguém que não sofre o que as mulheres passam – e não sabe o que poderá ajudar – têm o direito de criticar?



O! Me chamo **Maria Vitória Soares**, tenho 16 anos e moro em Patos de Minas. Nasci no dia 20 de setembro de 2004.

Meus pais são José Orlando e Maria Aparecida, aos quais agradeço todos os dias por tê-los na minha vida.

Violência contra a mulher

Padrinho: Daniel Rodrigues Santos

Nos últimos anos, a violência doméstica tem sido um dos assuntos mais comentados na sociedade, pois tem acontecido casos de abusos físicos e psicológicos contra a mulher que nem sempre são enxergados com seu devido valor.

Muitas pessoas pensam que a violência está relacionada somente à agressão física, porém é mais complexo, pois existe violência verbal e psicológica. Mulheres que estão em um relacionamento abusivo não percebem o que acontece ao seu redor ou, às vezes, sabem e sofrem em silêncio por medo de ficarem sozinhas e de seus parceiros fazerem algo contra elas. Nesse sentido, diversas fazem denúncias contra os agressores, mas as retiram em virtude de chantagens de seus parceiros ou familiares. Isso é mais comum do que imaginamos e acontece diariamente a nosso redor.

Vale ressaltar que já existem campanhas de combate à violência contra a mulher. Nas redes sociais, têm subido *hashtags* sobre o assunto, a exemplo de #eumetoacolhersim, em uma tentativa de romper com o ditado “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Evidentemente, isso não funciona na vida real, pois devemos entrar, sim, ainda mais se for em caso de agressão. Temos que nos unir e ajudar as mulheres a denunciarem, pois as histórias têm ficado graves – NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM!



Prazer, meu nome é **Matheus Guilherme Peixoto de Souza**, tenho 16 anos e, atualmente, moro com a minha mãe, Lucianne, e meu irmão mais novo, Gabriel. Sempre gostei muito de me exercitar; hoje em dia, faço musculação e, no tempo livre, faço trilha de bike com alguns amigos, pois sempre achei muito divertido. Sempre admirei muito o exército, e um dos meus maiores sonhos é me tornar militar.



Por um mundo melhor

Padrinho: Lincoln Vasconcelos

Podemos perceber que o racismo ainda existe em nosso mundo. Diversas pessoas negras sentem-se insuficientes e culpadas, devido à falta de respeito e integração. Isso acontece diariamente entre os amigos, na família, no trabalho e na escola. Apesar de existirem leis importantes no Brasil contra o racismo – como a Lei n. 7.716/1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor e a Lei n. 12.288/2010, referente ao Estatuto da Igualdade Racial –, ainda é um desafio o combate às práticas racistas, as quais têm aumentado nos últimos tempos.

Para efetivar esse combate, não basta apenas a aplicabilidade das leis, como também políticas públicas que promovam uma cultura de oportunidade e igualdade e possibilitem a redução dos casos

de violência aos negros. Penso que não deveria existir racismo, pois somos todos iguais, mas não sei o que se passa na cabeça dessas pessoas racistas – isso não irá mudar a vida deles ao discriminarem por raça, cor, altura ou peso.

O mundo seria bem melhor e mais feliz se os negros pudessem conviver com as pessoas que os respeitam pelo jeito que são, sem discriminá-los – somos todos iguais e filhos de Deus. O combate ao racismo é um dever de todos, independentemente de ideologia política ou religião. Devemos ser sensíveis à dor do outro e ensinar, às novas gerações, que essa prática é errada.



Olá, meu nome é **Michele Pinheiro da Silva**, tenho 18 anos e moro com meus pais, avô e irmão. Gosto de dançar, treinar, correr, sair e curtir. Amo dormir, descansar a mente e assistir a novelas. O que mais gosto de comer é *sushi* e macarrão, além de tomar açai e suco de uva. Minhas séries favoritas são *The Originals* e *Shadowhunters*. Minhas melhores amigas são Andrea, Babi e Maria Paula.

Ser mulher negra é...

Padrinho: Rafael Pereira Machado

Ah, essas negras têm seu encanto,
onde muitos veem diferença e preconceito.
Eu vejo destaque, uma quebra de padrões,
um monumento em forma de pessoa!
Mas, sabe o que elas são além disso?
São mulheres guerreiras,
com uma garra fora do normal e
uma força inexplicável.

Você acha que é fácil
viver no mundo onde estamos
sendo diferentes? Não, não é!

Não escolhemos como vamos ser.
Apenas somos e, nessa sociedade
em que estamos, o “ser diferente”
assusta, porque é tanta força
que amedronta as pessoas.
Há um medo de os diferentes superarem
aquilo que é comum.

Ser mulher negra é força!
Força para encarar o mundo todo,
que vai te julgar, maltratar ou humilhar
pela sua cor, pelo seu cabelo,
pelas suas roupas e pelo seu jeito.

Ser mulher negra é admirável!
Tenho orgulho pela força que todas vocês têm!

“Eu, mulher negra, estou cansada” (Nairim Bernardo)



Olá para você que chegou até aqui. Me chamo **Natany Lima Tremendani**, tenho 17 anos e moro em Uberlândia, Minas Gerais, apesar de ser natural de Ubá/MG.

Moro com a minha família – minha mãe, meu padrasto e dois dos quatro irmãos – e tenho dois animais de estimação (família grande, né? Tenta imaginar a briga quando tem apenas mais um pedaço de pizza na caixa...).

É impossível mencionar a Natany sem pensar antes em natureza, músicas, animais e livros. Sou movida por uma vontade incontável de aprender sobre os segredos do mundo e o meu papel nele. Espero que, daqui a um tempo, eu encha muitas linhas com experiências e aventuras; por ora, sou apenas mais uma adolescente com milhões de sonhos e inúmeras possibilidades.

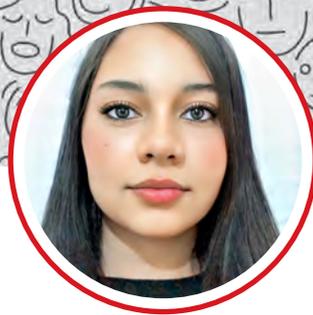
O ódio

Madrinha: Jessika Aparecida Mamede

O ódio nos cerca todos os dias de maneiras incontáveis, seja na escola, nas ruas, nos bares, no trabalho e, às vezes, em nossa própria casa. Mas, como lutar contra algo que se fortalece dia após dia? Como lutar contra as ofensas, os xingamentos, a violência e o racismo? Como lutar contra algo que nos cerca desde antes de entendermos o significado dessa palavra que carrega consigo tanto peso?

Acredito que o primeiro passo para consertar algo que vem enraizado em nós é se informar, pesquisar e aprender sobre os negros e sua história. É preciso reconhecer, de uma vez por todas, que somos iguais e que a separação por raça não passa de um passado dolorido e obscuro.

Até quando os negros vão representar 79,1% das vítimas de intervenções policiais que resultam em morte? Até quando os incontáveis casos de racismo que vemos na mídia serão necessários para o ódio parar de ser destilado em forma de racismo? Ficam aqui alguns questionamentos para pensarmos em melhorias.



Meu nome é **Nathalia Silva Soares**, nasci em 18 de setembro de 2003 e, atualmente, estou cursando o 3º ano do ensino médio. Sou filha de Adriana Batista e Jeanio Moranio e tenho quatro irmãos: Hygor, Hyago e as gêmeas Nayra e Nayara. Sou apaixonada por animais, especificamente os aquáticos, e sinto que sou bem próxima a eles.

Gosto muito de dançar – desde pequena, pratico qualquer estilo. Acredito, que quando fazemos o que gostamos por amor, não há nada melhor!

Mulheres: passado e presente

Madrinha: Vanusa Aparecida Alves

Ser mulher é ser guerreira. No passado, era praticamente uma tortura ser desse sexo, porque, para muitos, uma mulher não foi feita para pensar; assim, elas perdiam direitos como o de votar, de poder trabalhar fora, de tomar pílulas anticoncepcionais e, principalmente, de ser livre.

Com o passar do tempo, muitos aspectos felizmente mudaram. Hoje, as mulheres ocupam cargos importantes, podem votar, receber o mesmo salário que os homens pelo mesmo trabalho e podem conquistar seu espaço.

Para mim, ser mulher é olhar para trás, orgulhar-se do que foi conquistado anteriormente e se tornar mais forte, independente e corajosa. Não podemos jamais esquecer de que nada é em vão!



Olá, meu nome é **Nayara Ferreira Silva**, nasci em Uberlândia, Minas Gerais, em junho de 2004 e não me mudei para outro lugar. Moro com meus pais e meu irmão, que é três anos mais velho que eu. Sou cristã desde que nasci, mas mudei de igreja e, agora, congrego desde dezembro de 2019 na Igreja Pentecostal Pedra Angular. Estou no 3º ano do ensino médio.

Em tudo que faço, sempre tento dar o meu melhor. Gosto de desenhar qualquer tipo de tema, desde simples paisagens até personagens, além de viver aventuras, aprender coisas novas, escutar e cantar louvores que edificam a alma. Desde o 6º ano do ensino fundamental, eu desenhava histórias em quadrinhos e fazia *Role Playing Game* (RPG) com quatro amigas de escola – isso era bem legal e, mesmo que não pareça, era intrigante e despertava muita criatividade. Com o tempo, todas se distanciaram e mudaram de escola ou cidade; porém, com a ajuda da tecnologia, ainda temos contato até hoje, apesar de não ser como antes. Ainda fazemos histórias em RPG e alguns desenhos, em que mandamos fotos umas para outras.

Aos seis anos de idade, realizei um sonho que provavelmente muita gente tem: conhecer a praia e andar de avião. Fui para Natal, Rio Grande do Norte, com meus pais e irmão, uma experiência que deu bastante frio na barriga, principalmente na hora em que o avião subiu e desceu, além das turbulências que aconteciam lá no alto. Apesar de ter sido incrível, foi marcante, de uma maneira triste, pelo fato de que minha mãe estava passando mal devido às pedras nos rins e na vesícula, mas a viagem ocorreu bem. Depois de algum tempo, minha mãe fez cirurgias que foram bem-sucedidas, nas quais ela tirou todas as pedras dos rins e da vesícula.

Já aos 11 anos, eu e minha família viajamos para Salvador, Bahia. Pela segunda vez, fomos de avião conhecer outras praias daquele estado, onde o mar é realmente perfeito!

Em 2019, meu pai também realizou um sonho para mim e que a maioria das adolescentes sonha viver: ter uma festa de 15 anos. Ele alugou um salão, fez um bolo maravilhoso (mesmo sem ser confeitiro), cozinharam a janta e, em seguida, liberaram para comer os docinhos e mousses que estavam em cima da mesa de decoração. Fiquei muito feliz, ganhei presentes e tiramos várias fotos que ficaram na memória para a vida inteira – resumindo, foi muito emocionante!

E, em 2021, completei 17 anos, em uma segunda-feira, dia 28 de junho, depois de mais um culto abençoado que foi feito aqui em casa (comemorei meu aniversário com alguns irmãos da igreja e minha família). Meu pai fez um bolo e eu o decorei, graças a Deus foi tudo ótimo, mesmo na simplicidade, em que ganhei presentes e tirei algumas fotos.

Tenho muito a agradecer, principalmente a Deus e a meus pais, por todas as coisas que já vivi (e ainda vivo). Apesar das circunstâncias da vida, tudo acontece para aprendizado e precisamos entender isso. Independentemente da situação, sendo boa ou ruim, ela, de alguma forma, nos ensina a ser mais fortes e adquirir experiências. Sou uma garota que muda de humor conforme a ocasião, mas que, na maioria das vezes, é bem calma e tenta, ao máximo, resolver as coisas com a “cabeça fria” e pensar bem nas escolhas. O ser humano é falho e, ao agir por impulso, só “faz besteiras” e coisas que depois se arrepende.



A diversidade religiosa

Padrinho: Lucas Freire Lima

De acordo com o artigo 5º, inciso IV da Constituição Federal de 1988, “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Mas, será que todos conhecem e respeitam essa lei?! Não são poucos que dizem frases como “minha religião é a única correta!” Ou “minha religião é a melhor!” E são convictos disso.

Existem aproximadamente 60 mil religiões diferentes no mundo. Mas, afinal, todas estão erradas ou corretas? Na verdade, tudo se refere a pontos de vista variados, por exemplo, alguém acredita que irá ganhar na Mega-Sena, mas são milhões de pessoas que concorrem; então, a possibilidade desse alguém ganhar é baixíssima, mas, ainda assim, ele acredita e pode ser que ganhe em algum momento.

Nesse caso, trata-se mais da fé que, de acordo com o versículo 1 do capítulo 11 do livro de Hebreus na Bíblia, “é a certeza de que vamos receber as coisas que esperamos e a prova de que existem coisas que não podemos ver”. Por isso, muitas religiões, como o cristianismo, seguem e creem que existe apenas um Deus. A salvação de nossas almas não está na placa da igreja que frequenta, e, sim, em ações, pensamentos, caráter, amor ao próximo e obediência a Deus, criador de tudo e de todos, para enfim alcançar a salvação.

Acredito nisso pelos sinais e fatos como um bebê formado na barriga da mãe – esse é um grande mistério que tenta ser explicado pelo homem de forma humana, mas se apresenta como algo inexplicável. Pelo fato de eu acreditar nisso, não significa que devo desrespeitar e julgar quem pensa e acredita em elementos diferentes. Já segundo os versículos 1 e 2, capítulo 7, do livro de Matheus na Bíblia Sagrada, “não devemos julgar os outros pelo modo de como são, pois, pela medida que julgarmos, seremos julgados por Deus”.

Independentemente da religião – afro-brasileira, budismo, confucionismo, cristianismo, adventismo, anglicanismo, catolicismo, dodecateísmo, espiritismo, protestantismo, mormonismo, testemunhas de Jeová, islamismo etc. –, todos somos seres humanos e devemos amar uns aos outros, mesmo com as diferenças. Precisamos ter empatia e carisma para tratar os outros da maneira que gostaríamos de ser tratados; assim, se alguém precisa de ajuda, o correto é auxiliá-lo. Se fosse você, iria querer que alguém lhe ajudasse e, da mesma forma, devemos respeitar para, conseqüentemente, sermos respeitados.

A religião é a forma de a pessoa expressar a sua fé. Nesse momento de pandemia, a religião tem sido um escape, um porto seguro diante do isolamento social, além de acalmar e ajudar a pessoa, de certa forma, a ser mais forte para enfrentar os problemas. Para mim, é necessário ter respeito pelas pessoas e manter a empatia, qualquer que seja a religião seguida – isso é necessário para a humanidade viver em equilíbrio e harmonia.



Meu nome é **Nícolas Mendonça**, nasci no dia 11 de fevereiro de 2007 em Uberlândia, Minas Gerais, onde moro atualmente. Meu pai, Emerson, faleceu em 2011, quando eu tinha apenas quatro anos de idade.

Desde então, somente eu e minha mãe, Lília, moramos em um apartamento com a minha calopsita macho, cujo nome é Pitocu. Também tenho um periquito-australiano.

Aos finais de semana, vamos para a casa dos meus avós almoçar, onde geralmente é preparado um churrasco delicioso! No domingo, vamos juntos à igreja, onde participo de um grupo de jovens e converso bastante – como meus primos moram bem longe, lá eu posso conviver com amigos da minha idade.

Gosto de tecnologia, programação e futebol; inclusive, já fiz aulas desse esporte durante alguns anos. Também amo jogos eletrônicos!

Quero fazer graduação na área de Ciências da Computação. Sempre quis trabalhar e, finalmente, consegui o primeiro emprego na Uberlândia Refrescos, onde espero evoluir bastante profissionalmente. Sou uma pessoa alegre e determinada que gosta de aprender coisas novas. Também sou muito esforçado e cheio de objetivos.



Racismo ainda existe!

Padrinho: Hélio Dezoti

No século XXI, há grandes diferenças entre as pessoas, mas, por estupidez e ignorância, criam preconceitos que geram conflitos e desencontros, ao afetarem muita gente em várias situações que determinam o seu futuro. Pequenos gestos em nossas ações diárias configuram o desrespeito como descer do ônibus quando entra um negro, ocupar o lugar reservado para idosos, gestantes e deficientes físicos, humilhar uma pessoa por sua religião, opção sexual ou profissão, mostram a necessidade de mudança na forma de agir e no modo de pensar.

A questão da etnia tem sido discutida no mundo todo, inclusive no Brasil, onde a população é formada basicamente por brancos e pardos. Tal ação é, portanto, um método da representação étnica.

As escolas, por meio de disciplinas sobre o assunto, mostram a importância da cultura de cada região do país, ao tratarem de temáticas como a diversidade cultural. Esse é um assunto muito importante na construção de fatores que beneficiem a sociedade, o que demonstra as diferenças de crenças, práticas e culturas etc. de vários povos, com o intuito de minimizar o preconceito.

Por meio de uma boa educação, as crianças terão a oportunidade de não cometerem os mesmos erros de pessoas que são (ou foram) racistas, pois o preconceito se aprende e é adquirido – ninguém nasce com ele. Enfim, penso que cada indivíduo pode fazer a sua parte, como tratar o preconceito com empatia, ao perceber que todos somos iguais, independentemente de condição social, raça, credo, idade ou opção sexual.

Devemos ser as vozes que gritam para disseminar os direitos humanos e permitir que sejam exercidos de maneira circular, pois, como diz o ditado, “a união faz a força”. Também precisamos ser mais humanizados com as questões do preconceito e refletir sobre a fala de Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”.



Meu nome é **Patrick Henrique Alves Cardoso**, nasci na madrugada do dia 16 de setembro de 2003, em Uberlândia, Minas Gerais. Meus pais vieram para essa cidade em busca de oportunidades.

Estudei a vida toda em instituições públicas de ensino. Passei por muitas escolas por ter morado em diversos bairros de Uberlândia. Desde pequeno, gosto de aprender coisas novas, jogar futebol, assistir a filmes e escutar música.

A Uberlândia Refrescos ofereceu-me o primeiro emprego. Quero cursar a graduação em Física e, depois, fazer o concurso para a Polícia Rodoviária Federal (PRF). Atualmente, meu tempo é focado no meu trabalho, na academia e em estudos sobre longas-metragens.

Racismo e preconceito

Padrinho: Fernando Damas

A raça humana, desde os primórdios, possui um complexo de superioridade. Pessoas se acham melhores do que as outras por terem nascido em uma família mais rica, por terem a cor da pele clara, por serem homens etc.

Para mim, ainda existe o racismo. Em uma manhã de sol, por exemplo, enquanto ia para a escola, escutei uma gritaria. Então tirei os meus fones de ouvido para saber o que estava acontecendo e fui

surpreendido por uma mulher com atitudes preconceituosas perante um homem negro. Ela o julgou pela cor da pele como um ser humano inferior e, em alguns momentos, chegou a falar que ele ia roubar o celular dela.

Naquele momento, não sabia o que deveria fazer. O único pensamento que passava na minha mente era: “Como uma pessoa ainda pode agir de forma tão arcaica?”. Como homem branco, pensava que tal ato não existia mais, e isso me faz refletir sobre o quanto ignoramos e poderíamos lutar ao lado deles para acabar de vez com o racismo estrutural que ainda existe na sociedade contemporânea. Ao invés de ajudar, fiquei parado, sem ação; mas, o que devemos fazer nessa hora?

Ao escrever sobre a temática de racismo e preconceito, tornei-me mais crítico e passei a saber o quanto posso ajudar as pessoas, a começar por mim mesmo. Por favor, orientem-se, busquem informações a respeito, pois, somente assim, teremos um mundo mais solidário!



Me chamo **Paulo Gabriel Machado Ferreira**, tenho 18 anos, nasci em Uberlândia, Minas Gerais e moro aqui há 11 anos. Anteriormente, tive uma vida de viajante quando criança, pois meus pais tinham um restaurante em Sapezal, no Mato Grosso do Sul.

Ah, como a minha infância era legal, mas a vida que tenho hoje também é ótima. Sou um jovem de muita sorte, pois tenho uma ótima família, uma namorada incrível e as melhores pessoas do mundo ao meu lado!

Nas horas vagas, gosto bastante de jogar vôlei e futebol, mas o vôlei me chama mais a atenção e me traz felicidade, por ter praticado essa modalidade esportiva durante quatro anos da minha vida – com ela, tive realizações e aprendizados de campeonatos dos quais participei. O melhor de todos foi o estadual, porque fui um dos três melhores atletas do Triângulo Mineiro, perdendo apenas para jogadores do Cruzeiro e do Minas Tênis Clube.

Não considero isso uma perda, porque aprendi muito com todos que estavam ao meu redor, amadureci com as perdas e frustrações. Esse tempo de aprendizagem foi tão bom que, em 2019, fui convocado para fazer parte da seleção mineira de voleibol; no entanto, não participei devido a alguns imprevistos.

Isso serviu de base para ter oportunidades melhores, não apenas de trabalho, mas também de conhecimento para a vida! Hoje em dia, trabalho na unidade Alexandre Lacerda Biagi (ALB), da Uberlândia Refrescos, e sou grato pela aprendizagem e a experiência que tenho adquirido com o passar do tempo na empresa.



Bullying e suas consequências

Padrinho: Hildo Alves de Carvalho

O *bullying* é um tipo de violência praticada de maneira física e verbal, que acarreta danos psicológicos, frustrações e medos físicos à vítima.

Durante o período escolar, não tive problemas com agressores que praticavam *bullying*, mas presenciei pessoas que, por não terem iniciativa ou por medo, submetiam-se a isso e ficavam caladas. Muitas ações ocorrem porque os delinquentes, para se sentirem bem com eles mesmos, maltratam, humilham e desfazem das vítimas, o que causa inúmeras complicações.

Segundo uma recente pesquisa da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), devido ao preconceito familiar, 96,5%, dos 18 mil alunos entrevistados, admitiram ter preconceito contra as pessoas com deficiência. Logo, é responsabilidade da escola implementar ações pedagógicas inclusivas para reverter essa estatística e minar a violência e a intolerância, de forma que ela não impacte, negativamente, o futuro dos jovens.

Para diminuir esses dados e o número de agressões, acredito que poderíamos respeitar as diferenças, entender que ninguém é igual e aceitar que todos temos capacidade para fazer diversas coisas.



Meu nome é **Pedro Henrique Fonseca Santos**, tenho 18 anos, nasci e fui criado em Uberlândia, Minas Gerais. Minha mãe chama-se Ana Kelen, e meu pai, José Antonio. No momento, penso em fazer graduação em Medicina; por isso, dedico-me todos os dias para realizar meus sonhos e metas. Penso em, futuramente, morar fora do Brasil e lá realizar minha pós-graduação.

Ah, também sou fascinado na série *Grey's Anatomy*, pois ela é a inspiração para nunca desistir dos meus objetivos. Nas horas vagas, curto sair, comer, ler livros e até mesmo ouvir música.

Ser feliz é o que importa

Padrinho: Degmar de Castro

Já imaginou ser agredido apenas por existir? Viver é poder ter liberdade de dar um abraço, um beijo ou mesmo andar de mãos dadas com alguém que você admira, e ama! A população LGBTQIAP+ busca essa conquista há bastante tempo, mas, infelizmente, todos os dias, é agredida, de diversas maneiras, seja com violências física, verbal e/ou discriminatória. Em vários contextos familiares, os membros da família são citados, em grande parte dos relatos, como os primeiros a cometerem atos de preconceito. Muitos da população LGBTQIAP+ vivem esse dilema em razão de serem discriminados pelo simples fato

de terem escolhido ser felizes como realmente são. Penso que todos deveriam respeitar a opção pessoal de cada um, independentemente de sua escolha, pois nós temos o direito de amar e de sermos amados e respeitados.

Não são diferentes de ninguém e, sim, iguais, e merecem ser ouvidos para serem felizes. Apesar de existirem leis de proteção a esse grupo, deveria haver maior empenho da esfera policial para auxiliar no combate aos vários tipos de agressões, além do poder judiciário, com vistas a dar prosseguimento aos casos não resolvidos. Ademais, é preciso buscar conhecimento sobre o que venha a ser homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia, e observá-las com mais carinho.

Dados são obtidos de diferentes frentes, e a fragmentação deles é um dos principais problemas enfrentados na sociedade. Busca-se, de todas as formas, sobretudo pelas políticas públicas, informar à sociedade sobre como ser mais diversa. Existem violências que não estão apenas nas ruas, como também podem ser ocasionadas por conhecidos e surgirem inesperadamente.

O que se almeja é apenas respeito e felicidade, assim como qualquer um deseja para a própria vida.



Olá, meu nome é **Raul Alves Mota**, tenho 16 anos, nasci no dia 12 de maio de 2005 e, desde que vim para esse mundo, eu moro em Uberlândia, Minas Gerais.

Gosto de muitas coisas, como ler, escrever, desenhar, criar alguma coisa, ouvir músicas e assistir a várias séries – na verdade, só revejo as que já assisti, porque sei que são perfeitas.

Meu sonho é morar em algum lugar que faça frio e que tenha outonos iguais aos dos filmes e livros. Por mais que pareça clichê ou algo do tipo, sempre sonhei em impactar pessoas com o que gosto de fazer e deixar alguma marca no mundo quando morrer para que, assim, tenha algo concreto para lembrarem de mim.

No futuro, espero ser um autor famoso pelos romances que ainda não escrevi, mas que já são ideias bem fortes em minha mente – inclusive, meus livros favoritos são: “A sombra do Vento”, “Nunca saia sozinho” e “O ar que ele respira”. Sou introvertido e, apesar de ter sido criado com os preceitos da religião evangélica, não sou religioso. Tenho três cachorros lindos da raça pinscher: dois machos (Pluto e Fred) e uma fêmea (Belinha).



Ame na prática, na ação

Padrinho: Lazaro Junior da Silva

“Morre hoje um homossexual de tantos anos”, “homossexual é agredido e se encontra em estado grave no hospital fulano de tal”... essas são algumas das notícias mais temidas pelo público LGBTQIAP+, ao longo da vida. A esperança por dias melhores ainda continua sendo esperada, mas ainda não é a real. Lugar onde se guarda amor, se encontra ódio; onde se espera aconchego, há desafeto; e onde deveria ter segurança, existe morte, por simplesmente amar e se relacionar com uma pessoa do mesmo sexo, mas não cabe a ninguém julgar ou desrespeitar.

Diria que o mundo precisa de apenas uma ação para ser melhor: amar para respeitar, entender, expressar ou, simplesmente, para amar. Às vezes, é incrível ouvir que a diversidade é a coisa mais preciosa que temos na sociedade e que todos somos diferentes, mas, quando alguém se assume, uma bolha de ódio e desrespeito imensa é criada em cima de algo normal ou, muitas vezes, diferente para pessoas que acham difícil aceitar o outro e as opiniões variadas.

Buscamos a felicidade a vida inteira, e você pode encontrá-la a qualquer momento e de qualquer forma; porém, não despreze o fato de outra pessoa encontrar a felicidade e amar alguém do mesmo sexo. Lembre-se de que todos trilharão um caminho difícil (e talvez longo) para estar aqui hoje, e nenhum deles merece sofrer e morrer pelo preconceito ou por simplesmente amar.

Fala-se que ser homossexual é escolha, mas isso não é verdade. Você acha mesmo que simplesmente escolhemos, de uma hora para outra, ser vítimas do preconceito alheio, correr risco de morte ao andar na rua e até mesmo na própria casa? Pois é, não escolhemos, do mesmo modo que outros indivíduos não escolheram ser héteros, ou em algum momento da sua vida decidiram isso?

Amar é belo, é magnífico, e, por mais que ainda não tenha gostado de alguém com tal intensidade, espero um dia amar e ser amado com a mesma beleza dessa expressão. Como dizia Paulo Gustavo: “Ame na prática, na ação. Amar é ação. Amar é arte. Muito amor, gente. Até logo”.



Olá, meu nome é **Ruan Pablo Maximiliano Ramos Gomes**, sou natural de Uberlândia, Minas Gerais. Minha família é composta por quatro integrantes: minha mãe, Raquel Ramos, meu pai, Pablo Eduardo, meu irmão, Pablo Filho, e eu.

Tenho 17 anos e curso, atualmente, o 3º ano do ensino médio na Escola Estadual Messias Pedreiro. Meus *hobbies* são jogar bola, soltar pipa e ficar com a família e os amigos. Meu sonho é ser militar e, para alcançar esse objetivo, eu estudo e me esforço bastante.

Diferenças mais iguais

Madrinha: Débora Vitoria Santos

Raça é um aspecto sociológico criado por seres com a intenção de se referir a um grupo de pessoas ou marcas físicas consideradas socialmente significativas. No mundo, existem várias etnias e raças, e as três com mais influência no Brasil são a europeia, a africana e a indígena. No entanto, persiste a noção de que existe algum propósito útil em classificar a humanidade em cinco, seis ou até uma dúzia de raças.

A vida de pessoas pretas não é fácil, assim como as de sujeitos brancos, mas há certos privilégios na vida desse último público, como ingressar no mercado de trabalho formal. Devido às dificuldades dos negros nesse contexto, eles ingressam mais cedo que a maioria dos

brancos, o que os leva a parar de estudar e pensar apenas no presente, esquecendo-se do futuro.

Creio que, se uma pessoa negra correr atrás dos seus objetivos, ela os alcançará. Isso pode ser comprovado por uma conversa que tive com amigos negros, em que eles me disseram que buscaram realizar seus sonhos e logo os alcançaram. Também afirmaram que, independentemente da cor, as vitórias virão e as metas serão realizadas.

Imagino que poderiam dar mais suporte e assistência a esse grupo de pessoas que vivem na periferia e em condições precárias. Cada raça tem seu diferencial, o que nos mostra que não somos idênticos a ninguém e, ao mesmo tempo, não somos desiguais em relação aos direitos. Ah, como o mundo seria melhor se houvesse mais respeito e cada um entendesse as diferenças... não precisa ser igual para ser bom, e, sim, mais ORIGINAL!



Meu nome é **Samuel Souza da Silva**, tenho 18 anos de idade. Cresci e nasci na cidade de Uberlândia, Minas Gerais.

Atualmente, estou cursando Logística, na Faculdade Pitágoras. Trabalho na Uberlândia Refrescos desde maio de 2019 e posso dizer que é a melhor empresa, em vários aspectos.

Sou cristão evangélico da Assembleia de Deus e a minha filosofia de vida é: servir ao Deus vivo e amar o próximo.

Racismo: o câncer do mundo

Padrinho: Eduardo Valeri Alves Santiago

Em nosso planeta, vivenciamos algo praticamente inacreditável, em pleno século XXI. Infelizmente, temos que conviver com atos racistas, mas, quem sofre com isso? Somente a humanidade, porque seres inteligentes como os humanos não deveriam concordar com essa prática horrível.

Há muitos casos de racismo em vários lugares, como televisão, internet, jornais etc. Um caso recente que abalou o Brasil foi o ato racista que aconteceu com a filha de um casal famoso, no qual uma *socialite*, que nem merece ser citado o nome, foi infeliz com um comentário, no qual insinuou que a filha dos artistas seria uma macaca.

Então, ela foi processada pelo casal e possivelmente vai pagar uma multa como punição pelo seu ato, e, muitas vezes, esse tipo de ação é considerada tão séria perante a Lei que pode ocasionar em prisões.

Devemos entender que o ser humano não pode ser definido por cor, mas é complicado fazer com que essa prerrogativa “entre na cabeça” de algumas pessoas. Como evoluímos com o passar do tempo, podemos ensinar e orientar as crianças por meio de palestras e *workshops*, para elas compreenderem que todos somos iguais, respiramos, possuímos necessidades biológicas e físicas e o mais importante: todos erramos. Porém, existe uma dádiva nas mãos para ter a oportunidade de aprender com os erros.



A união de André e Cristiane concebeu-me como única filha e deu luz, contorno e referencial ao que me compõe.

Sou **Suhaila Bessa Reis**, nome de origem árabe que carrega o significado de estrela, *canopus*. Ainda está em curso a minha metamorfose para a vida adulta, simbolizada pelos meus 17 anos.

Sou natural de Uberlândia, Minas Gerais. Em razão disso, tenho um orgulho enorme de morar em um estado tão caloroso que seduz por suas riquezas naturais e culturais.

Desde pequena, mantive um apego profundo pelas minhas avós. Isso me permitiu uma conexão sagrada com as minhas raízes, com a singeleza e o empirismo da sabedoria dessas mulheres, fontes perenes de força; assim, o princípio da minha formação, enquanto ser humano, foi mobilizado por elas. Incentivada pela minha família, reconheci na educação outra potência transformadora, cujo processo pedagógico ocorreu no ensino público — isso que despertou em mim a curiosidade e a sede de conhecimento crítico.

Em 2019, tornei-me jovem aprendiz da Uberlândia Refrescos, uma empresa engajada e acolhedora, onde pude me comunicar por meio do projeto *Urla sem Fronteiras*. Vale ressaltar que, ao final de 2021, completei o 3º ano do ensino médio na Escola Estadual Messias Pedreiro.

Sou movida por uma série de coisas: a leitura, que considero algo terapêutico, um refúgio; e viajar, mergulhar no mar e estar reunida com amigos em puro contato com o essencial. Devota aos meus ideais, estou disposta a ser agente ativa da mudança, a fim de contribuir para uma sociedade mais igualitária e justa.



Mulheres: dignidade e liberdade oprimidas

Madrinha: Rianne Brito Venâncio

Frequentemente, são apresentadas inúmeras violações contra mulheres em âmbitos diversos, o que revela um cenário cruel, seja na rua, pelos abusos e assédios; nas universidades, com o apagamento de suas biografias e publicações; em seus locais de trabalho, onde são silenciadas, senão desqualificadas; nas propagandas, ao veicularem padrões estéticos; e/ou em lares envolvidos por uma atmosfera de toxicidade, agressões e humilhações. Além de afetar a saúde mental, intensificam-se as desigualdades de gênero. Integramos uma sociedade que reproduz o machismo, principalmente em espaços dominados pelos homens.

Por muito tempo, não foi permitido às mulheres o protagonismo da própria história. Na literatura, por exemplo, lançar obras com a própria assinatura era um ato impensável; afinal, que ousadia era essa de se afirmarem como intelectuais? Socialmente, tal situação não era bem vista, pois, no senso comum, deveriam se dedicar aos cuidados domésticos, apenas.

Escritoras que se arriscaram precisavam adotar uma espécie de máscara por meio de nomes masculinos, a fim de evitar exposição e críticas. É uma grande injustiça pensar que muitas delas morreram sem até mesmo alcançar o reconhecimento, apesar da potência de suas vozes.

Nos dias atuais, embora as conquistas tenham sido importantes, como o direito ao voto, as posições no mercado de trabalho e uma independência maior, infelizmente, ainda, são comuns os episódios de opressão simbólica e física. Por conseguinte, a delicadeza e a fragilidade são relacionadas ao sexo feminino, visto como inferior, sensível e sofredor.

Em contrapartida, a força e a brutalidade são características masculinas, centro de decisões a quem cabe não demonstrar sentimentos, algo expresso pela condenação de “não chorar”. Assim, enraíza-se a separação em rótulos, por mais que seja superficial, limitante e geradora de violências profundas. Em razão disso, é urgente se posicionar na luta contra o preconceito.



Olá, meu nome é **Victória Cristina Vieira Santos**, fiz 17 anos há pouco tempo. Nasci em 2004, no Piauí, mas atualmente moro em Uberlândia, Minas Gerais, desde os meus três/quatro anos de idade.

Gosto de tudo um pouco: cantar, dançar, jogar bola, andar de skate, jogar vôlei, basquete – enfim, esportes. Amo coisas como livros, séries ou longas-metragens do gênero terror.

Também adoro assistir a filmes de comédia em família, séries ou filmes de romance com a minha mãe.

Curto alguns animes, sou evangélica e respeito quaisquer religiões ou crenças diferentes da minha. Elaborei uma pequena obra em homenagem à minha irmã, que nasceu com malformação congênita, a todas as Pessoas com Deficiência (PCDs) e às que trabalham nessa área.

Parabéns às PCDs que nasceram um pouco diferentes e encaram os preconceitos. Minha irmãzinha enfrenta essa batalha desde bebê, assim como outras pessoas, de todas as idades, que fazem tratamento na Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD), em lutas diárias encaradas por mães e pais de todo o Brasil.

Em uma das consultas da minha irmã, conheci pessoas que vieram de outras cidades para fazer tratamento em Uberlândia e fui alvo de encaradas depreciativas nos ônibus coletivos quando minha irmã estava na cadeira de rodas, além de veículos quebrados que não podiam levá-la. Essas e outras lutas ocorrem diariamente com pessoas tão especiais e importantes como ela!

Espero que gostem deste pequeno poema, no qual quis mostrar um pouco sobre a luta de PCDs. De fato, o respeito é necessário para ter convivência e conduta adequadas.



Tanto quanto especial

Madrinha: Maryelen Marques Barcelos Manzini

Dentro dos ônibus posso te ver,
mas, confesso, não queria esperar você.
Cadeirantes ele não queria esperar,
estava com pressa, respeito era o que faltava.

Mas, um dia, tudo mudou:
minha irmã em cadeirante se tornou.
Passou por uma cirurgia,
ficou em uma cadeira de rodas mais de 90 dias.

Pessoas ficavam
com pressa e falavam:
'que enrola, motorista!'
Minha irmã, tadinha,
não podia falar nada,
mas, com certeza, ficava incomodada.

Falavam pelos cantos,
com os ventos soprando,
que não queriam esperar.
A pobre menina, minha irmã,
não poderia reclamar.

Ali, naquela situação, segurando a sua mão,
pude entender o quanto ruim eu pude ser.
Aprendi uma enorme lição:
nunca julgue, qualquer que seja a situação.
A vida é uma caixinha de surpresas.



Oi, me chamo **Victoria Sthephanny Fernandes de Paula**, tenho 16 anos e moro com meu pai, Hugo Leonardo, e minha mãe, Adriane Fernandes. Amo cozinhar, dançar e cantar.

Estou no 2º ano do ensino médio e quero me formar em Direito. Sou uma menina bem aventureira e gosto de desafios.

Violência contra mulher: isso tem que acabar!

Madrinha: Valkiria Soares Santana

A violência contra a mulher tem sido um assunto frequente nas mídias sociais. Profissionais do lar, do meio empresarial, entre outras, começaram a expor o sofrimento que têm passado. Até entre os famosos (as) são mais frequentes as denúncias de violência dos parceiros (as).

Um dos casos mais recentes refere-se a um músico da região Nordeste que, há pouco tempo, foi preso por agredir sua companheira. Também podemos citar famosos, por exemplo, um dos integrantes de uma dupla sertaneja mineira, e ainda outros que tiveram suas imagens expostas nas mídias sociais por agredirem suas ex-companheiras.

Diante dessa situação, existem possibilidades de ajudarmos as mulheres com a nossa voz. Precisamos dar apoio para elas se sentirem

seguras ao denunciar e entenderem que não estão sozinhas nessa luta. Se você sofre ou conhece quem passa por abusos, não fique calado (a), denuncie através da Central de Atendimento à Mulher – 180. Denunciar salva vidas...



Meu nome é **Vitória Gabrielli Mendes Souza**, tenho 19 anos, nasci em 22 de outubro de 2001, em Uberlândia, Minas Gerais. Sou a filha mais velha de Elizabeth Mendes e Cristiano da Silveira, pois tenho uma irmã.

Estudei parte do ensino fundamental em escola pública e outra em uma instituição particular. Enquanto isso, fiz todo o ensino médio em um estabelecimento estadual de ensino.

Gosto bastante de ver séries, filmes, sair e viajar. Pretendo fazer, primeiramente, o curso Técnico de Enfermagem e, no futuro, uma graduação em Biomedicina.

Construir um mundo sem racismo

Madrinha: Vanessa Kelly de Meira

O racismo não é uma situação nova em nosso meio, pois vem desde os primórdios e possui um histórico de muitas lutas. Infelizmente, ainda existem muitas palavras e atitudes racistas. Por vezes, as pessoas que se encontram em altos cargos e exercem seu “poder” sob os demais não realizam suas funções com o devido respeito, o que as leva a disseminar o racismo.

Certa vez, no dia da Consciência Negra, aconteceu um episódio com uma amiga da escola em que o vice-diretor bateu nela com uma cartolina e disse que ela deveria se lembrar dos tempos da escravidão.

Ainda reforçando uma atitude inadequada, disse a outro amigo branco, de cabelos cacheados, lábios mais grossos e nariz “maior”, que a salvação dele seria a cor de sua pele. Esse representante educacional deveria cultivar atitudes de respeito e igualdade, mas agiu de forma totalmente contrária.

Situações como essa precisam acabar, pois, até quando as pessoas serão submetidas a esse tipo de humilhação? Por isso, é essencial a mudança de mentalidade, em que devemos repensar nossas ações, vocabulário e como nos comportamos, para agirmos sempre de maneira respeitosa com o outro. Indivíduos em cargos superiores, influenciadores digitais e a mídia precisam ter consciência de que são formadores de opinião e de que suas ações e falas têm forte visibilidade para todos que os acompanham.

Por isso, há a necessidade de pregar o respeito ao próximo, a igualdade e a inclusão para todos. Também devemos ser disseminadores do respeito para influenciar as pessoas ao nosso redor. Em pequenos passos, poderemos construir um mundo sem racismo e lutar pelo bem comum.



Me chamo **Wendell dos Santos Soares**, tenho 17 anos e moro em Uberlândia, Minas Gerais, desde que nasci. Estou cursando o 2º ano do ensino médio, moro com meus pais e minha irmã – sou o filho mais velho e sempre dei bem com a minha família.

Gosto de jogar no meu *notebook* com meus colegas e ver documentários em geral. Tenho vontade de fazer a graduação em Engenharia da Computação e seguir carreira.

No meu tempo livre, costumo ver animes, séries e filmes.

O silêncio do homem

Padrinho: André Francisco Araújo

Por que o homem deve manter sua aparência forte a todo momento e, quando chega ao ponto de chorar, tem sua masculinidade questionada? Ele começa a aprender que precisa ser forte desde pequeno, quando a sua mãe ou seu pai (principalmente esse último) diz: “menino não chora. Engole esse choro!”.

A sociedade sempre impõe padrões e comportamentos arcaicos em crianças e adolescentes. No caso dos homens, criou-se uma “regra” de que eles não devem ser emotivos porque são do sexo mais “forte”; por isso, muitos jovens sofrem de depressão e há outros

problemas psicológicos não tratados na infância, o que pode acarretar em suicídios.

Muitas vezes, o homem precisa ir ao psicólogo para desabafar sobre o que se passa com dele, mas se recusa a isso, por achar ser algo “bobo”. Mas isso não é verdade, pois poderá levá-lo a um ponto em que será difícil reverter as ideologias impostas na sociedade.

Até quando irão reforçar a ideologia de que o homem precisa ser forte para aguentar calado as coisas que acontecem com ele?

Sobre o livro

Formato 15,5 x 23 cm

Tipologia Montserrat e Cherrypie (títulos)
Alegreya e Alegreya Sans (textos)

Papel Offset 90g/m² (miolo)
Supremo 250g/m² (capa)

Projeto Gráfico Canal 6 Editora
www.canal6.com.br

Diagramação Erika Woelke



Semeando
Autores

